

estudos de Psicologia

Revista do Instituto de Psicologia da PUCCAMP

Estudos de Psicologia | Campinas, v.9, n. 1 | p. 1 - 134 | janeiro/abril 1992

Índice/Contents

Artigos/Articles

- Diferentes enfoques en la evaluación del retardo mental 8
Approaches different on the valuación of mental retardation
Herminia V. de Castillo
- Produção e leitura do texto científico 19
Production and reading of scientific text
Geraldina Porto Witter
- Relações familiares: a percepção dos filhos adolescentes 27
Familiar relationships: The adolescent son and daughter's percep-
tion
Maria Alexina Ribeiro
- Treino ao toalete - comparação das práticas educativas utilizadas
com crianças atualmente "enuréticas" e "não enuréticas" 43
Toilet training - comparition of educational practices used with "enu-
retic" and "no enuretic" children
Ana Maria Buischi Soveral e Sônia Santa Vitalino Graminha
- Psicoprofilaxia no processo do desenvolvimento: uma ação integra-
da 66
Psychoprophylaxy in ageing process: integrated action
**Esmeralda Aparecida Colombo Medeiros, Zeila Cristina Facci,
Rosane Cristina de Menezes e Laurene Agnes Meyer**

ESTUDOS DE PSICOLOGIA

Revista Semestral do Instituto de Psicologia da PUCAMP

Diretora: Glória Elisa B. P. Von Buettner

Editora-Executiva: Geraldina Porto Witter

Conselho Editorial

Alice Maria de Carvalho Delitti	(PUC-São Paulo)
Anita Liberalesso Neri	(UNICAMP)
Antônio I. Têrziz	(PUCAMP)
Cláudio Simon Hutz	(UFRGS)
Elisa Médici Pizão Yoshida	(PUCAMP)
Harold Lettner	(PUC-RJ)
Jefferson Morris Fish	(St. John's University - N. York)
Júlia Ferro Bucher	(UnB)
Maria Emília Lino da Silva	(PUCAMP)
Marilda Novaes Lipp	(PUCAMP)
Mauro Martins Amatzuzi	(PUCAMP)
Raquel Souza Lobo Guzzo	(PUCAMP)
Regina Maria L. L. Carvalho	(PUCAMP)
Saulo Monte Serrat	(PUCAMP)
Solange Wechsler	(PUCAMP)
Vera Lúcia A. Raposo do Amaral	(PUCAMP)
Walter Trinca	(USP)

Conselho Consultivo:

Antonia Maria de Almeida Camargo
Geraldina Porto Witter
Maria Christina Mendes dos Santos
Maria Fernanda Mazziotti Barreto
Maria Helena Melhado Stroili
Maria Helena Mourão Alves de Oliveira
Sonia Regina Blasi Cruz

Capa: João Daniel de Araújo

Redação:

A/C Departamento de Pós-Graduação em Psicologia - PUCAMP
Rua Waldemar César da Silveira, 105 - Swift - CEP 13020-904
CAMPINAS - SP - Tel.: (0192) 32-3163 - FAX. (0192) 25500

"Estudos de Psicologia" tem uma tiragem de 1.000 exemplares. É distribuída gratuitamente às bibliotecas de todas as instituições brasileiras que mantêm Cursos de Psicologia, às bibliotecas ligadas a instituições científicas que nos solicitam e a algumas bibliotecas de Universidades estrangeiras.

ISSN 0103 - 166X



INSTITUTO DE PSICOLOGIA

estudos de
Psicologia

Indexado em:
Psychological
Abstracts
PsycINFO
PsycALERT
IBICT

estudos de **Psicologia**

Revista do Instituto de Psicologia da PUCAMP

Estudos de Psicologia	Campinas, v.9, n. 1	p. 1 - 134	janeiro/abril 1992
-----------------------	---------------------	------------	--------------------

Índice/Contents

Artigos/Articles

- Diferentes enfoques en la evaluación del retardo mental 8
Approaches different on the valuation of mental retardation
Herminia V. de Castillo
- Produção e leitura do texto científico 19
Production and reading of scientific text
Geraldina Porto Witter
- Relações familiares: a percepção dos filhos adolescentes 27
Familiar relationships: The adolescent son and daughter's perception
Maria Alexina Ribeiro
- Treino ao toalete - comparação das práticas educativas utilizadas
com crianças atualmente "enuréticas" e "não enuréticas" . . . 43
Toilet training - comparison of educational practices used with "enu-
retic" and "no enuretic" children
Ana Maria Buischi Soveral e Sônia Santa Vitalino Graminha
- Psicoprofilaxia no processo do desenvolvimento: uma ação integra-
da 66
Psychoprophylaxy in ageing process: integrated action
**Esmeralda Aparecida Colombo Medeiros, Zeila Cristina Facci,
Rosane Cristina de Menezes e Laurene Agnes Meyer**

Resenhas/Reviews

A prevenção sob medida: um manual para praticantes 95
Ounces of prevention: a casebook for practitioners.

Raquel Souza Lobo Guzzo

Alfabetização: Leitura do mundo, leitura da palavra 97
Literacy: reading of the world, reading of the word

Luisa Helena A. Paula

Como desenvolver o potencial criador: um guia para a liberação da
criatividade em sala de aula 99

Whow to develop the creative potential: a guide to creativity liberation
in classroom

Maria Fernanda Mazziotti Barreto

Procedimentos com problemas de raiva: as intervenções terapêuti-
cas da terapia racional emotiva (T.R.E.) 101

Procedures to work with anger: rational emotive therapeutic

Luiz Fernando de Lara Campos

Comunicações/Communication

Tradução e Psicologia: Perspectivas de pesquisa 105

Translation and Psychology: research views

Geraldina Porto Witter

Informativo

A Pós Graduação em Psicologia na PUCCAMP 114

Geraldina Porto Witter

Dissertações Defendidas 116

Editorial

Estudos de Psicologia começa o ano de 1992 com esperança de poder melhorar seu desempenho enquanto instrumento de veiculação do saber psicológico. Para tanto, além dos cuidados usuais que regem a editoração científica, procurou ampliar seu quadro de **referees**, manter a periodicidade o mais possível dentro do esperado e obter o apoio sistemático dos órgãos financiadores da própria PUCAMP e de outras agências. Como resultado, o leitor passará a contar quadrimestralmente com um novo número.

Certamente esta esperança só pode concretizar-se com o apoio dos que produzem conhecimento e buscam divulgá-lo através de **Estudos de Psicologia**; dos que colaboram, avaliando os textos encaminhados, auxiliando não apenas a revista mas também os autores a chegarem a um produto final melhor elaborado; da infra estrutura administrativa, particularmente de seus recursos humanos, bem como do apoio financeiro. São muitas as pessoas das quais depende um periódico para atingir as metas aqui propostas. Com certeza estaremos contando com mais compreensão, ajuda e solidariedade do que podemos imaginar. Estamos otimistas porque acreditamos no crescimento da produção científica da área, nos responsáveis por este saber e nos que sempre colaboraram com o nosso periódico.

Geraldina Porto Witter

ARTIGOS

Diferentes Enfoques en la Evaluación del Retardo Mental

Herminia V. de Castillo (UPEL - Venezuela)

Resumen

Castillo, H.V. de Diferentes enfoques en la evaluación del retardo mental. *Estudios de Psicología*, 9 (1):9 - 18, 1992.

El artículo se refiere a los criterios que comunmente se emplean en el diagnóstico del retardo mental. Con este propósito se presenta una información general sobre el enfoque clínico, psicométrico, cualitativo y sociocultural, en cuanto al procedimiento de cada uno, sus ventajas y limitaciones.

Palabras-chave: retardo mental, evaluación psicométrica, diagnóstico.

Cuando se hace una revisión sobre los procedimientos más generalizados en la evaluación de los niveles o grados del retardo mental se encuentran fundamentalmente cuatro enfoques: clínico, psicométrico, cualitativo y sociocultural. De igual manera, se observa que de cada uno de ellos se deriva una conceptualización del retardo mental, así como, un diagnóstico sobre las posibilidades de adaptación al medio, lo cual ha tenido una gran repercusión en el momento de seleccionar los criterios que deben orientar una intervención psicopedagógica.

Por esta circunstancia es conveniente una mayor divulgación sobre los alcances y limitaciones que están implícitas en cada uno de estos procedimientos, afin de favorecer una actitud flexible cuando se va a diagnosticar las posibilidades reales de aprendizaje, en el niño portador de déficit intelectual.

Tomándose en consideración lo antes expuesto se tratará de presentar los presupuestos básicos de cada uno de los enfoques antes mencionados, así como, algunas de sus limitaciones y ventajas señalados por los estudiosos de este aspecto.

En este sentido se hará referencia en primer término a la interpretación clínica la cual surge en los inicios del siglo XIX y predomina casi exclusivamente hasta sus finales.

Dentro de este contexto se establece que el grado de deficiencia intelectual está asociado a una anomalía orgánica de índole neurológica, metabólica o fisiológica.

De acuerdo a esta interpretación, el retardo mental puede ser enmarcado dentro de dos categorías: moderado y severo los cuales permanecen inalterable por toda la vida.

La concepción clínica del retardo mental ha sido calificada por algunos autores* como la única que tiene validez científica, los argumentos más utilizados han sido entre otros los siguientes:

- La inteligencia es una noción, un término comodo para designar una actividad compleja, por lo tanto no puede existir una enfermedad de la inteligencia o del desarrollo mental.

- En el retardo mental, es el organismo físico y más particularmente el sistema nervioso que presenta una anomalía o enfermedad, la cual puede ser estudiada a través de procedimientos científicos.

- Las alteraciones de la inteligencia no son otra cosa sino síntomas que, entre otros, indican la existencia de la enfermedad, es por lo tanto, en el organismo físico del retardo mental donde se debe buscar la explicación del estado patológico de su inteligencia.

Dentro de estos lineamientos se puede ubicar la opinión del Rey (1986) al definir el retardo mental como la incapacidad para formar hábitos senso-motores e intelectuales que son características de una edad real en una determinada civilización.

El mismo autor señala un conjunto de características que configuran un estado de déficit intelectual, ellos son:

- Siendo un déficit global puede asentarse más en unos aspectos que en otros. Por esas razones se puede observar que ciertas facilidades relativas coexistan con dificultades considerables.

- El déficit más significativo del retardo mental es la insuficiencia de los procesos superiores del pensamiento: incapacidad para establecer relaciones, organizarlas y fundamentarse en ella para el raciocineo.

- El déficit es generalmente congénito y anterior a la aparición del lenguaje.

- La deficiencia mental es el efecto de un desarrollo siquico más o menos lento que después de cierta evolución se estabiliza en cierto nivel intelectual.

- El retardo mental puede estar asociado a perturbaciones en la esfera afectivo - emocional, así como, en el área sensorio-motora.

La anterior descripción es coincidente con la opinión de Heber (1967) quien también colocó al retardo mental dentro de la concepción clínica, según este autor el término retardo mental ha sido empleado para referirse a un nivel de máximo potencial de desempeño intelectual, determinado genéticamente u ocasionado por un funcionamiento deficiente de las estructuras cerebrales las cuales disminuyen la capacidad del individuo para comportarse inteligentemente.

El citado autor, considera que la capacidad intelectual es constante e inmutable, en consecuencia el retardo mental sería incurable.

A través de las afirmaciones reseñadas se observa, que el retardo mental es concebido como una enfermedad originada exclusivamente por un deficiente funcionamiento del cerebro, cuyas causas pueden

*Heber (1967),Edgerton (1980), Méndez (1985), Orellana (1985), Rey (1986)

tener su origen en factores genéticos o metabólicos. No obstante este enfoque ha hecho importantes aportes para el conocimiento de la etiología y prevención del retardo mental, de igual manera ha contribuido a modificar la actitud arbitraria que predominaba socialmente, la cual reflejaba rechazo y menosprecio por el individuo portador de esta deficiencia, sin embargo han surgido numerosas críticas entre las cuales es interesante hacer referencia a la Castets (1962) por resumir las opiniones emitida por algunos estudiosos en diferentes épocas.

Según el mencionado autor, la definición organicista no se ajusta a la realidad, si se toma en cuenta que toda lesión cerebral o trastorno neurológico no conlleva necesariamente retardo mental. No existe correlación válida entre lesiones cerebrales y nivel intelectual, por lo tanto no puede haber una definición anatómico - clínico del retardo mental.

En la opinión de este autor, uno de los efectos más generalizados de esta concepción es la propagación de un sentimiento de fatalidad a nivel familiar y en la sociedad como un todo.

La crítica anterior, se puede complementar con la circunstancia actual, en la cual, se observa, la presencia de un consenso general entre los especialistas que se preocupan con esa área, en el sentido de considerar a las personas retardadas como portadoras de ciertas limitaciones para un desarrollo cognitivo, no obstante, esas limitaciones no las imposibilitan para poseer o adquirir cierto grado de desarrollo intelectual que le permita actuar en forma independiente, en especial, cuando se trata de retardo mental leve o sociocultural.

Paralelamente a esta concepción organicista surge el criterio psicométrico para el diagnóstico de las potencialidades intelectuales. De acuerdo con esta interpretación el potencial intelectual de un individuo puede ser determinada a través de una fórmula matemática que se aplica para calificar cuantitativamente el desempeño de un Sujeto con relación a determinadas tareas "tipos", considerándose retardo aquel individuo que no pueda resolverlas satisfactoriamente. Cherkes y Ryan (1980).

Según este punto de vista, la normalidad o sub normalidad se explican por criterios fijos, inflexibles los cuales reflejan la visión aceptada y tolerada por la respectiva sociedad. (Mercer 1923).

Este procedimiento de evaluación ha sido ampliamente utilizado por los profesionales encargados de diagnosticar el retardo mental. Tal preferencia se observa por el empleo de los tests de inteligencia, en forma casi exclusiva, para tales propósitos.

La explicación de esta tendencia quizás esta, entre otras razones, en el hecho de que este enfoque corresponde a la preocupación que siempre ha existido en el campo de la Psicología por adoptar metodologías científicas que garanticen las condiciones mínimas de objetividad y precisión en los resultados.

Enmarcados dentro de este punto de vista se encuentra la interpretación que sobre el retardo mental hace Dunn (1963) según la cual el

término excepcional puede ser aplicado en el ámbito escolar para aquellos niños que difieren de la media en cuanto a sus características físicas y Psicológicas.

Otra opinión similar a la anterior, es la de Cruickshank (1975) para quien el niño excepcional es aquel que presenta un desvío intelectual, físico, social y emocional en relación a lo que se considera como crecimiento y desarrollo normal.

En referencia a esta clase de interpretaciones algunos autores** se han pronunciado a través de un conjunto de observaciones a fin de contribuir a una adecuada lectura de los resultados obtenidos cuando se aplica un tests de inteligencia.

En este sentido han apuntado entre, otros aspectos, los siguientes:

- Los desvíos que están presente en la evaluación psicométrica, generalmente se originan en la fórmula matemática que se utiliza, fundamentalmente, cuando se calcula el error standar, el cual informa sobre la verdadera clase en que cae el score.

- Los desvíos y falta de validez pueden ser atribuidos en muchos casos a la subjetividad de quien evalúa, por estar profundamente identificado con sus opiniones.

- Existe la tendencia de hacer predicciones futuras del comportamiento en función de una pequeña cantidad de informaciones, en consecuencia no toma en consideración aquellos datos provenientes de los diferentes ambientes y circunstancias en las cuales se desenvuelve el individuo.

- Las conclusiones que conforman un diagnóstico de esta naturaleza debe ser producto de un equipo interdisciplinario que representan diferentes posiciones teóricas, de tal manera, que exista la posibilidad de que hipótesis alternativas puedan ser consideradas.

- Los tests deben estar dirigidos a la verificación de las deficiencias y posibilidades de aprendizaje del niño, por lo que se debe tomar en cuenta las diferencias individuales.

- Los constructores de los tests deben tomar en consideración el lenguaje, el cual tiene que adecuarse al contexto lingüístico del que utiliza dialectos diferentes.

Además de los señalamientos anteriores, se han emitido otras opiniones estimadas como pertinentes para alertar a los profesionales que se parcializan por el uso exclusivo de esta clase de instrumentos. En este sentido cabe citar a Heber (1962), al sostener que la evaluación psicométrica para determinar la normalidad y subnormalidad es incorrecta, por cuanto, los tests predicen ciertos aspectos del comportamiento y como toda predicción esta sujeta a errores.

** Herber (1962), Eysecnck (1962), Witter (1962/76/80), Meherens y Lehmann (1978), Tarjan (1985), Rangel (1985).

En este orden de idea, Tarjan (1985) afirma que hasta hace 3 décadas el retardo mental era descrito casi en forma exclusiva en base al Q.I., hoy en día ha sido aceptado que un Q.I. bajo no es más descriptivo que un Q.I. más elevado. Por otro lado, se ha verificado que las personalidades individuales varían grandemente dentro de un mismo Q.I. por estar influenciado por factores, genéticos y los provenientes del contexto socio-cultural, los cuales afectan por igual tanto al niño con Q.I. bajo, medio o inferior.

Con una opinión semejante Douché (1967) sostiene que cada niño nace con un potencial intelectual extremadamente variable, por esa razón es un error de graves consecuencias clasificar definitivamente al niño colocándolo en una determinada categoría, únicamente con base a su Q.I.

Por otra parte, está ampliamente demostrado que dependiendo de las condiciones de la educación, ella puede sofocar o exaltar las cualidades innatas de tal modo, que una deficiencia educativa sumada a frustraciones múltiples y repetidas pueden conducir al individuo a una debilidad mental.

Lo afirmado hasta aquí constituye una muestra de los señalamientos más frecuentes que sobre las limitaciones del enfoque psicométrico se han emitido, no obstante, es de justicia resaltar la vigencia y relevancia que tiene este procedimiento para diagnóstico del retardo mental, por tal razón, se torna necesario fundamentar su utilización en un esquema donde el hombre sea conceptualizado con una unidad funcional.

A este respecto, es oportuno citar, a Staats (1983) en su empeño por divulgar la necesidad de una unificación entre los cambios comportamentales, el aprendizaje, el concepto comportamental de la personalidad y de los métodos psicométricos, en la búsqueda de un conocimiento sobre los tres sistemas que forman la personalidad del individuo: emocional-motivacional, lenguaje-cognitivo y comportamiento instrumental, sin olvidarse de la influencia del contexto social.

Como una propuesta diferente a la que acabamos de describir surge el criterio cualitativo sobre el retardo mental, cuyo punto de partida lo constituye la idea de que el individuo excepcional configura una clase de personas con trazos y características que los tornan diferentes de la regla general de la humanidad (Telford y Col 1977).

De acuerdo con esta opinión los procesos perceptivos, conceptuales, ideacionales y de aprendizaje de toda persona serían fundamentalmente iguales. Así todos aprenden, memorizan, recuerdan, perciben, piensan y hacen ajustes personales y sociales de acuerdo con principios y patrones genéticos, no obstante, algunos actúan con mayor rapidez, mayor exactitud, de modo mejor o más adecuado.

Dentro de este punto de vista, se podrá situar la concepción piagetiana sobre el desarrollo cognitivo según la cual la inteligencia se

construye a partir de un proceso evolutivo que se cumple a través de una serie de estadios de desarrollo que va de lo simple a lo complejo.

En concordancia con este criterio, la deficiencia mental, es considerada como un estado de desarrollo intelectual donde el individuo no alcanza los niveles correspondientes del pensamiento formal (Furth, 1971).

Los principios básicos de este enfoque son, entre otros los siguientes:

- Es posible evaluar cualitativamente las competencias cognitivas y demostrar que siguen una secuencia invariante en el desarrollo.

- La evaluación debe comprender estrategias que proporcionan la base para determinar la etapa del funcionamiento cognitivo.

- Se debe evaluar el proceso y no el producto de la función cognitiva.

- Las estrategias particulares que un niño utiliza en su conducta imitativa e intencional, las que emplea para ocuparse con nociones de espacio, tiempo, conservación del objeto y causalidad constituyen un ejemplo de competencia que pueden ser diferenciadas, conforme la etapa o fase de desarrollo (Peaget 1975).

A este procedimiento de evaluación se le señala, comunmente, como limitación la poca disponibilidad de instrumentos para su uso extensivo, por otro lado, la exigencia de mayor esfuerzo y tiempo, ya que se evalúa el desempeño del niño tomando en consideración los procesos cognitivo que están implícitos en la resolución de problemas.

No obstante, el criterio cualitativo, viene cobrando cada vez mayor relevancia, dentro del campo de la educación especial, al facilitar la elaboración de un perfil sobre el desarrollo cognoscitivo del niño, basado en informaciones que están relacionadas con el estilo de aprendizaje del educando.

Con una perspectiva distinta, se presenta dentro del ámbito del retardo mental, el enfoque sociocultural.

De acuerdo con este punto de vista, las condiciones socio-cultural desfavorables repercuten negativamente en el desarrollo físico, intelectual, y emocional del niño.

A este respecto organismos como la Unicef (1989) y O.M.S. (1988) y la Unesco (1988) han señalado coincidentemente que existe en el mundo aproximadamente quinientos millones de personas que padecen hambre severa, cuyas consecuencias son todas nocivas para el crecimiento infantil y su vida socio-afectiva tanto a corto como a mediano y largo plazo.

Esta advertencia tiene amplio respaldo en los hallazgos encontrados en los análisis estadísticos de los datos obtenidos, a través de experiencias llevada a cabo por los estudiosos de esta problemática, así como, por la constatación clínica y psicológica de los mencionados

efectos negativos, en poblaciones que son representativas de un universo mayor.

A manera de ilustrar, lo antes dicho citaremos los datos aportados por Edgerton, (1980) el cual estima que de un 20% a un 25% de todos los niños con retardo mental profundo y moderado pertenecen a la categoría clínica, los cuales provienen casi en forma exclusiva al status social considerado como A. El resto, 80% de los niños que son portadores de esta deficiencia a nivel leve, pertenecen a los estratos sociales más bajos.

Por otra, parte se ha demostrado ampliamente la relación que existe entre medio social y desarrollo del niño, estableciéndose que factores como salud, alimentación, saneamiento ambiental, vivienda, empleo, estimulación educacional son elementos que intervienen directamente en el crecimiento y desarrollo armónico del infante.

Refiriéndose a esta situación Méndez (1988) señala la interdependencia que existe entre potencial genético y factores ambientales siendo, por lo tanto, el hombre el resultado de las influencias favorables o desfavorables sobre sus potencialidades genéticas.

El mencionado autor, llegó a relevantes conclusiones entre las cuales cabe destacar las siguientes:

- La desnutrición crónica prolongada influye negativamente en el mecanismo homeostático de regulación. Para poder subsistir, el organismo se adapta a un nivel inferior que afecta el desarrollo integral y establece un círculo deficitario que se perpetúa de generación en generación.

Las investigaciones científicas han demostrado que la desnutrición es un factor inhibitor del crecimiento y desarrollo normal.

- En los estratos de mayor densidad de población en bajos recursos económicos donde predomina un ambiente hostil y pauperrimo no se pueden encontrar las oportunidades para que el conocimiento se construya simultáneamente con la construcción de los dispositivos mentales para pensar y actuar.

El mismo autor, al tratar de esquematizar los elementos coadyuvantes del retardo mental socio-cultural apunta los siguientes invariantes:

- a. Los que padecen este tipo de retardo provienen de los estratos sociales más pobres.
- b. Alta incidencia de un estado de desnutrición.
- c. Las acciones están dirigidas hacia la sobrevivencia biológica en sus aspectos más urgentes.

Esta descripción puede ser complementada con la opinión de Tomkiewicz (1983) al señalar la apariencia hereditaria del atraso sociocultural, la cual se origina en la constatación de la existencia casi exclusiva de este tipo de retardo en niños provenientes de los estratos sociales más carentes, donde se acumulan los más variados problemas en términos de salud, educación, habitación y desempleo. Situación que se va transfiriendo de generación en generación hasta llegar a parecer hereditaria.

En relación con esta realidad Edgerton (1980) estima que el retardo mental sociocultural es una de las consecuencias más graves originada por una situación compleja donde están presente componentes de aculturación, subdesarrollo económico, ideologías y las estructuras sociales que tornan extremadamente difícil la solución del problema. De ahí que se puede afirmar que esa clase de retardo no es un problema clínico sino de orden social.

El mencionado autor, al tratar de caracterizar este tipo de retardo apunta los siguientes rasgos: a. El Q.I. promedio se ubica entre 55 y 69. b. Por lo general el retardo mental se evidencia con el inicio de la escolaridad al presentar problemas de aprendizaje. c. Pocas veces esta acompañado de deficiencias orgánicas. d. Los individuos portadores de este nivel de deficiencia mental, en un alto porcentaje, son provenientes de hogares denominados privados culturales. e. Por lo general tienen una adecuada adaptación social.

Con una intención similar, Zigler (1984) destaca cuatro características que explican la etiología del retardo sociocultural ellas son: a. Alguna interacción no especificada de factores genéticos con el medio ambiente. b. Desventajas sico-sociales. c. Generalmente no están presente defectos orgánicos. d. El Q.I. tiende oscilar entre 50 y 70.

En función de las diferentes opiniones reseñadas, se puede inferir que los fracasos escolares y psicométrico de los niños de las clases populares son esencialmente, el resultado de la interacción de un ambiente hostil, limitante, que niega toda posibilidad para el desarrollo de las potencialidades bio-síquico-sociales del ser humano.

Esta circunstancia social ha despertado en algunos autores*** la necesidad de generar opiniones que conduzcan a modificar la tendencia predominante de emplear instrumentos de evaluación para el diagnóstico del retardo mental que no corresponde con la realidad concreta de esa inmensa población que por razones ideológicas y estructurales padece los rigores de un estado de pobreza crítica.

Por tales razones se han pronunciado a favor de procedimientos evaluativos que contemplen apreciaciones de naturaleza cualitativa, cuantitativas y socioculturales. Al mismo tiempo, deben comprender las diferentes áreas del desempeño: motor, cognitiva, lenguaje, social, emocional y académica.

Por último, no está de más, llamar la atención hacia la actitud de flexibilidad que se debe asumir en el proceso evaluativo, en ningún caso se trata de resultados conclusivos, pues ellos son susceptibles a variaciones dependiendo de las oportunidades que el medio sociocultural y escolar le proporcione para desarrollar las potencialidades cognitivas.

*** Cherkas y Ryan (1960), Castests (1962), Furth (1971), Mercer (1973), Witter (1968/1980), Rangel (1985).

Summary

Castillo, H.V. de Approaches different on the valuation of mental retardation. **Estudios de Psicología**, 9 (1): 9 - 18 , 1992.

The article refers to the criterion that are usually used in the mental retardation's diagnose. It also includes general information about clinical, psychometrical, qualitative and sociocultural approaches, regarding to each one's procedure, advantages and limitations.

Key words: mental retardation, psychological evaluation, diagnose.

Resumo

Castillo, H.V. de Enfoques diferentes na avaliação do retardo mental. **Estudos de Psicologia**, 9 (1):9 - 18 , 1992.

O artigo refere-se aos critérios usualmente empregados no diagnóstico do retardo mental. Ele inclui também informações gerais sobre psicometria clínica, enfoques qualitativo e socio-cultural, descrevendo os procedimentos de cada um deles, suas vantagens e limitações.

Palavras Chaves: retardo mental, avaliação psicológica, diagnóstico.

Referências Bibliográficas

- Castets, A. (1962). **Arriération Mentales Structurales et Arriération Instrumental**. Paris. Presse Medical, #47.
- Cherkes, M.; Ryan, L. (1985). Bias in Special Educative Decisión Making. **Academic Therapy**. 20 (3): 323-329.
- Cruickshank, W.H. (1975). Some Issues Facing the Field of Learning Desabilities. **Journal of Learning Desabilities**. 8 (10): 67-68.
- Douche, D.J. (1967) **La Notion de Debilité Mentale**. Paris: Presse Medical.
- Dunn, L.Y. Col (1963). **Exceptional Children in the school**. N.Y.: Hold Renihart and Weinston.
- Edgerton, R. (1988). **Retraso Mental**. Madrid: 2 ed, Editorial Morates. S.A.
- Eysenck, H.K. (1962). **Know Your Own I.Q.** London: Penguin Books.
- Furth, H.G. (1971). **Las Ideas de Piaget: Su aplicación en el Aula**. Buenos Aires: Kapelus. Biblioteca de Cultura Pedagógica.
- Herber, R. (1962). **Reading on the exceptional Child**. London: Edited Philip Trapp & Philip Himelstein.
- Mehrens, W.A.; Lehmann, I.F. (1978). **Testes Padronizados en Educação**. Traducidos do original Americano de 1969 por R. At Di Dio. São Paulo: EPO.

- Mendez, H (1985). **El Crecimiento del Niño Venezolano**. Caracas, Avepane, XXII Aniversario de Avepane.
- Mercer, J.R (1973). **Labeling the Mentally Retarded**. Bukeleg: University of California Press.
- Orellana, R. (1985). **El Niño que no Atiende**. Caracas: 1 ed, Editorial Tropykos
- Piaget, J. (1977). **A donde va la Educación**. Barcelona: Editorial Seia Barral.
- Rangel, N.A.F P (1985). **Leitura e Retardamento Mental: Estudo com Lendo e escrevendo**. Dissertação de Mestrado apresentada no IPUSP.
- Staats, A.W (1983). **Psychologys Crisis of Desunify: Philosophy and Method for a Unificied Science**. W.Y. Proeger Publishers.
- Tarjan, J. (1985). **La Prevención del Retardo Mental**. Caracas: Avepane. XXII Aniversario de Avepane.
- Telford, C.W Y Col. (1978). **O Individuo Excepcional**. Rio de Janeiro, 4 ed, Editores Zahar.
- Tomkiewicz, S. (1983). **Recherches sur le Devenir de nos Enfants** . Colloque National Recherches el Familles. Paris.
- UNESCO. (1988). **Aspectos Económicos de la Educación**.
- UNICEF. (1989). **Se Mal Gastan los Recursos Destinados a la Infancia**. El Nacional 13 de Abril, P. C5.
- _____(1989). **Propone una Cumbre Mundial Sobre la Infancia**. El Nacional 11 de Enero, P.C.4.
- Witter, C.P (1980). **Marginalização Cultural e Comportamento Verbal in J.C. Marques**. Psicologia Educacional: Contribuições e Desafios. Porto Alegre: Editorial Globo.
- _____(1968). **A Instrução Programada e o Ensino de Excepcionais**. Ciência e Cultura. 21 (3): 659-665.

Produção e Leitura do Texto Científico

Geraldina Porto Witter (PUCCAMP)

RESUMO

Witter, G.P. Produção e leitura do texto científico. *Estudos de Psicologia*, 9 (1): 19 - 26, 1992.

A produção de textos científicos deve levar em consideração as necessidades do leitor. Os vários tipos de discurso científico requerem estratégias distintas para os processos de redação e leitura. Usou-se um exemplo hipotético onde enfocaram-se os sistemas formal e informal de comunicação científica na relação autor-texto-leitor.

Palavras-Chave: texto científico, discurso científico, leitura.

Do processo de fazer ciência resultam produtos materiais (equipamentos, componentes, drogas), tecnologias (meios de produção, técnicas de ensino, técnicas de preservação de energia) e textos. Possivelmente, estes sejam a produção de maior frequência e mais relevante por ser a forma preferida pelo cientista para se comunicar com outros cientistas e com outras pessoas da comunidade. Além disso, é através dos textos que se acumula e organiza o saber científico; transfere-se ciência e tecnologia entre países, entre regiões de um país e estabelecem-se bases para o poder e o fazer ciência.

O produto texto pode ser apresentado tendo por sustentação diversos tipos de suporte: papel, diapositivos, tela de computador, videotextos, disquetes etc., mas, certamente, o suporte papel é ainda o mais frequentemente empregado. Para a leitura e uso efetivo da informação científica, mesmo quando, originalmente, o texto está alocado em outro suporte, o pesquisador o transfere, de alguma forma, para o papel (disquete -vídeo -papel). A leitura é influenciada pelo suporte em que é impresso o texto, mas este aspecto não será focalizado no âmbito do presente trabalho, privilegiando-se o texto científico que tem por suporte o papel.

O cientista produz vários tipos de textos, a opção pelo que ele produz depende de muitas variáveis das quais, apenas para facilitar a presente exposição, serão destacadas algumas mais diretamente relacionadas com a leitura dos discursos em tela. O cientista quando produz o texto está sob o controle do suporte que irá usar, da informação científica que irá veicular, da própria estrutura do seu discurso científico, do tipo de publicação ou veículo que irá usar e da população que pretende atingir com seu texto. Além disso, em decorrência de um só processo de

pesquisa, o autor pode produzir vários textos distintos, destinados a leitores específicos. (Witter, 1989).

Esta é uma consequência usual no processo de geração-veiculação de saber. Certamente isto requer estratégias e tipos de leitores distintos.

À guisa de exemplo, tomar-se-á como hipótese o trabalho de um pesquisador e tentar-se-á prever e acompanhar a trajetória dos textos que eventualmente produziu.

Inicialmente, tentando buscar recursos para concretizar sua pesquisa, acelerá-la ou completá-la, o pesquisador pode ter elaborado um projeto a ser encaminhado a um órgão de fomento da produção científica. Neste caso, deverá atender às especificações burocráticas do órgão, ainda que elas possam ser discutíveis. Teoricamente, seu leitor é um especialista na área, com ampla produção científica, conseqüentemente com profundos conhecimentos sobre o assunto capaz de ser um leitor de alto nível, crítico mas suficientemente criativo para perceber o novo, o original, o inovador no que lê, não sendo um empecilho ao avanço científico por falta de flexibilidade. Também deve ser um leitor isento de tendenciosidade científica ou política. Em nome da preservação a liberdade de julgamento, muitas vezes este leitor tem a salvaguarda do anonimato para produzir o seu parecer em relação ao discurso-projeto que analisou. Este anonimato, bem como os critérios de seleção do leitor que integra este grupo e o poder que ele adquire em decorrência destas funções, estão hoje sendo objeto de consideração e de avaliação da própria comunidade científica. (Garvey, 1980).

Estando ainda na fase de coleta ou análise de dados, o pesquisador poderá optar por apresentar seu trabalho em algum encontro científico. São raros os congressos que aceitam comunicações de pesquisas em andamento, mas caso o cientista decida participar de um evento deste, terá que pensar em dois tipos de leitores: os que compõem a comissão que seleciona e organiza o evento e os que lerão os anais do encontro. No primeiro grupo o esperado é que seja composto por leitores flexíveis, competentes, que entendam do conteúdo selecionado e que estejam a par das características estruturais e dos estudos científicos a respeito do tipo de discurso denominado - resumo. Espera-se ainda que tenham atitudes éticas e não sejam tendenciosos em suas leituras. No outro grupo, o texto será lido por cientistas de alto nível e também por alunos de graduação, conseqüentemente com possibilidades de leituras mais limitadas. Portanto, o texto deverá ser redigido de forma suficientemente clara para os dois grupos, privilegiando o segundo e devem ser especificados os objetivos, o método e o que já foi feito em termos de análise de resultados, tornando evidente em que fase está a pesquisa (Población & Duarte, 1989).

O **porquê** e o **como ler** este tipo de texto variará de acordo com o grupo em que o leitor se enquadrar. Se ele for membro do grupo

responsável pela realização do encontro, deverá verificar a adequação formal e clareza de conteúdo do discurso face ao segundo grupo de leitores. Sua leitura terá em vista também a organização temática das sessões e dos anais. O leitor do segundo grupo poderá fazer leituras diferenciadas dos anais. No momento do evento uma leitura dinâmica e rápida poderá servir para a seleção das comunicações cujo conteúdo lhe interesse e organizar seu próprio horário. Outra leitura poderá ser feita concomitantemente com a apresentação do trabalho para acompanhá-lo ou complementar o texto com notas de aspectos que o pesquisador - apresentador tenha adicionado no momento da exposição. Outra leitura ainda poderá ser feita apenas para localização de colegas ou para ter uma visão panorâmica do assunto conforme se reflete nos trabalhos que integram.

Como documento, o texto poderá ser retomado posteriormente pela audiência dos grupos anteriores ou por outros leitores em busca de informação para seus trabalhos científicos, ou de outras pessoas, se o leitor for um bibliotecário ou cientista da informação envolvido na recuperação de textos úteis para outros cientistas. Neste caso, a leitura do título poderá ser suficiente para seleção ou descarte do documento. Na hipótese do conteúdo ser relevante, o resumo será lido e, se possível e conveniente, assimilado ao discurso que o leitor estiver elaborando. Outra possibilidade é a retomada dos anais para detectar quem está trabalhando em uma dada problemática, ou para realizar uma pesquisa sobre produção científica. Neste último caso, procedimentos específicos de leitura terão que ser usados, compatíveis com os objetivos da pesquisa em realização (Harrod, 1977; Witter, 1989; Llagostera, 1990).

Concluída a pesquisa, o autor hipotético poderá apresentá-la como comunicação em algum congresso científico. Neste caso, redigirá um resumo no qual, em linguagem clara e precisa, informará o leitor dos objetivos até os resultados principais obtidos em sua pesquisa. Novamente contará, de pronto, com dois grupos de leitores, como no caso de resumos de comunicações de pesquisas em andamento. Estes leitores lerão este texto como no caso anterior. Também aqui, após o evento, outros leitores, como já se fez referência, poderão buscar este material para leitura, com objetivos diversos, requerendo conseqüentemente estratégias distintas de leitura (Christovão, 1979; Giacometti, 1989; Llagostera, 1990).

Na hipótese de ter sua pesquisa subvencionada por algum órgão de fomento, o pesquisador hipotético deverá produzir ainda um texto-relatório cujo leitor alvo, em geral, é o mesmo que foi responsável pela liberação de verba. Este leitor, desta feita, verificará o andamento da pesquisa, a adequação do texto e emitirá um parecer (novo texto) aprovando ou não o relatório. Deverá ter critérios científicos conduzindo sua leitura, poderá mesmo utilizar um instrumento específico de avaliação,

com o que poderá contornar possíveis desvios de sua ótica pessoal (Drew, 1980; Witter, 1989).

O trabalho apresentado em congressos e em relatório deverá ser enriquecido com os subsídios e sugestões feitas pela platéia, no primeiro caso, e pelos consultores, no caso dos órgãos financiadores. O pesquisador assimila em seu discurso estas contribuições e produz um novo texto: relato de pesquisa que irá compor matéria para um artigo de revista (Garvey & Griffith, 1972).

Antes de remeter esta matéria diretamente a alguma revista, o autor poderá querer obter a apreciação e a colaboração do que se convencionou chamar de **colégio invisível** (Harrod, 1977; Prazeres, 1989).

Ao mesmo tempo que informa seus pares sobre os seus trabalhos, obtém deles sugestões e pistas para melhorar o que realizou. Isto implica em remeter esta primeira redação a seus colegas. Dentre estes últimos, há que se destacar alguns mais experientes e conceituados, que atuam como verdadeiros líderes no grupo, sendo juízes e orientadores de seus colegas. São freqüentemente tomados por mentores científicos e compõem um grupo diferenciado de especialistas (**gate keepers**), os quais, por sua vez, trocam informações e apreciações sobre seus trabalhos. Há carência de dados de pesquisa sobre o funcionamento do colégio invisível e dos referidos especialistas. Todavia, na experiência pessoal da Autora parece que servem para desinibir, estimular e aprimorar a atuação dos produtores de discurso.

Este texto que circula entre os pares, é denominado texto de pré-impressão (**pré-print**). Ele é também denominado de **publicação preliminar** ou de **pré-publicação** (Prazeres, 1989; Wersig & Neveling, 1976).

Ao receber um texto na fase de pré-impressão, o membro do colégio invisível, que é um leitor especializado, com alto nível de competência o lerá com duplo objetivo:

- a. de manter-se informado sobre sua área, dispondo da informação, antes dela ser veiculada através de uma revista, isto é, em primeira mão;
- b. para colaborar com um colega, fornecendo subsídios para a melhoria do texto.

De fato, este leitor altamente sofisticado pode colaborar em muito, com mais sugestões e críticas para a produção do texto final a ser encaminhado para publicação em revista científica especializada.

O **pré-print** também pode ser usado pelo autor em cursos que ministre, especialmente em cursos de pós-graduação, podendo observar pontos falhos na redação, na organização, na exemplificação usada. Neste caso, o leitor é uma pessoa que lê porque precisa obter informação, para cumprir uma atividade acadêmica e através dela o autor pode obter dados e melhorar seu texto. O leitor também poderá assumir o papel de um membro de colégio invisível e, então, lerá o texto com objetivos mais

críticos e tendo por alvo uma tarefa similar. Neste caso, poderá mesmo recorrer a uma escala de avaliação.

Estas práticas têm sido freqüentemente empregadas pela Autora na produção de textos científicos, tendo sempre obtido sugestões valiosas que vão do título à redação de seus textos. Além disso, tem atuado como leitora de pré-publicações de colegas considerando que esta atividade é altamente produtiva para as pessoas envolvidas, embora na tradição brasileira pareça ser ainda uma prática pouco freqüente.

Após decidir que o texto está pronto para publicação, escolhida a revista a que será encaminhada a matéria, o pesquisador dá ao seu discurso o aspecto formal exigido pelas normas da revista. Quando o texto chega à secretaria da revista é encaminhado a membros do corpo editorial. Estes devem ser leitores de alto nível, críticos, com um bom volume de trabalhos publicados, conhecedores das diversas características dos vários tipos de textos científicos, que dominem o conteúdo da área e não sejam parciais. As considerações feitas anteriormente quanto aos leitores que decidem nos órgãos de fomento são válidas também aqui, estando em desenvolvimento o estudo dos mesmos.

Uma vez publicado o texto, o leitor do artigo, que também se supõe seja um bom leitor, poderá ler com objetivos diversos e para cada um deles deverá recorrer a estratégias específicas, para melhor aproveitamento.

Se o leitor busca o artigo somente para estar informado sobre o que ocorre na área, poderá apenas ler sem qualquer estratégia especial. Caso esteja interessado em elaborar um projeto, redigir um relatório, analisar seus dados, deverá ler o texto, buscando elementos para integrar seu próprio discurso, quer para caracterizar o estado da arte, quer para justificar seu próprio trabalho, quer para comparar com seus resultados. Neste caso, se a estrutura geral de seu próprio discurso já está elaborada, à medida que localiza conceitos, dados, interpretações que considere relevantes, poderá ir encaixando-as em seu texto em elaboração. Todavia, a leitura poderá estar sendo feita a fim de obter elementos para o preparo de aulas. Então, deverá anotar, em suas fichas de aula ou na forma pela qual arrola os elementos para a mesma, o que for pertinente. Um outro leitor poderá ler este mesmo artigo com o intuito de fazer uma pesquisa documental, por exemplo, de análise da estrutura geral do discurso científico, da bibliografia referida ou de aspectos de conteúdo e de metodologia. Neste caso, estratégias de leitura e de registro, de acordo com os objetivos da pesquisa, serão utilizadas (Witter e col, 1989).

O pesquisador que gerou o texto do exemplo hipotético anteriormente relatado, pode considerar que seu trabalho não está concluído enquanto não partilhar seus dados com a comunidade mais ampla e que poderá ter sua vida afetada pelos mesmos. Aliás, isto é cada vez mais esperado e considerado uma das responsabilidades do cientista. Sendo assim, produzirá um texto mais simples, capaz de atingir o grande público

que, certamente, não é um leitor em condições de ler textos científicos mais sofisticados, que requerem pré-requisitos tais como: domínio do léxico próprio daquela área da ciência, conhecimento de tecnologia científica; de análise de dados e domínio da estrutura do discurso científico. Como não ocorre com o grande público, torna-se necessário apresentar textos científicos que sejam facilmente lidos, compreendidos e que permitam a transferência do conhecimento gerado na pesquisa diretamente ao seu usuário, naquilo que lhe for pertinente. O veículo usado poderá ser um jornal, uma revista de divulgação científica e tecnológica, ou uma revista comum. O leitor assimilará o que for conveniente a seu dia a dia. Poderá, dependendo do tema, conscientizar-se sobre os riscos e os perigos do uso inadequado da ciência, recorrer à informação científica para precaver-se de problemas, para assimilar os dados da ciência. Assim, se o texto tratar da eficiência de um programa educacional para prevenção da AIDS, docentes e dirigentes de escolas, poderão aproveitá-lo nas suas atividades profissionais, o mesmo acontecendo com os responsáveis por grandes conglomerados de pessoas como ocorre nas indústrias, grandes magazines, jornais, mercados, exército.

No caso do texto de divulgação, o leitor poderá ler sem objetivo que vá além de se manter informado, mas poderá fazê-lo para uso imediato. Para tanto, a leitura deverá ser mais cuidadosa, requerer a manutenção do texto, ou a busca de outros para um uso efetivo.

O autor poderá ainda usar esta mesma base de pesquisa, isto é, seu artigo científico, para redigir outro tipo de discurso, inserindo-o como parte de um texto de reflexão a respeito da matéria, publicado sob a forma de artigo teórico ou livro. Neste caso, quando o leitor achar insuficiente a informação contida no texto deverá buscar o texto original para ler. Aliás, ir às fontes originais de um artigo é uma atividade que o leitor de texto científico deve incorporar aos seus hábitos de recuperação de informação. Especialmente quando se trata de área de sua especialidade.

O exemplo hipotético, aqui apresentado, parece suficiente para indicar que, ao se falar da produção e leitura de texto científico, uma relação triádica deve ser considerada: **autor-texto-leitor**.

Estes elementos compõe um macro-sistema de comunicação que compreende um subsistema **formal** e outro **informal**. O subsistema informal é mais flexível, permitindo rápidas trocas de informação entre cientistas e entre estes e a comunidade leiga, podendo ser oral ou escrita a forma pela qual se concretiza (congressos, palestras, entrevistas, consultas, correspondência). No subsistema formal a comunicação é mais rígida, controlada, obedecendo a critérios e a padrões formais pré-estabelecidos e concretizando-se pela forma escrita, seja ela através de publicações primárias (periódicos, livros, patentes, etc.), ou secundária (índices, abstracts, alerta corrente, etc.). Entre um e outro subsistema se insere um intermediário: o **semi-formal**. Neste último subsistema a troca de informação se faz predominantemente através de pré-publicações e

entre cientistas ou entre estes e especialistas ou técnicos que irão utilizar de imediato a informação (engenheiros, técnicos, químicos, etc.) (Prazeres, 1989).

O produtor do texto deve saber situar seu texto e adequá-lo às exigências do subsistema em que estiver atuando. O leitor deverá saber enquadrar o documento no seu subsistema para poder adequar suas expectativas, suas exigências e perspectivas de uso da informação científica. De acordo com seus objetivos, saberá se os textos de um subsistema lhe serão potencialmente úteis, ou se poderá descartá-los. Tendo em vista o tipo de texto e seus objetivos, o leitor elegerá as estratégias de leitura que lhe serão mais úteis, econômicas e eficientes no seu relacionamento com o texto.

O quadro aqui apresentado mostra que não existe uma única maneira de ler o texto científico. Existem muitas, decorrentes das múltiplas combinações dos vários componentes e relações dos subsistemas de comunicação científica. Muitas estratégias de leitura têm sido usadas e a cada dia novas estratégias são testadas. O conjunto de informações científicas sobre o assunto vem crescendo, mas existe ainda uma longa trajetória antes que aspectos basilares sejam suficientemente conhecidos.

Summary

Witter, G.P. Production and reading of scientific text. **Estudos de Psicologia**, 9 (1): 19-26, 1992.

The production of scientific texts must take in consideration the needs of the reader. The various kinds of scientific discourses request different strategies for the writing and the reading process. It was used a hypotetic example where was considered the formal and informal systems of scientific communication in the relation author-text-reader.

Key-word: scientific text, scientific discourse, reading.

Referências Bibliográficas

- Christovão, H.T. (1979). Da comunicação informal à comunicação formal: identificação da frente de pesquisa através de filtros de qualidade. **Ciência da Informação**, 8 (1):3-36.
- Drew, C.J. (1980). **Introduction to designing and conduction research**. St. Louis, The C.V. Mosby Co.
- Garvey, W.D. (1979). **Communication: the essence of science**. Oxford, Pergamon Press.

- Garvey, W.D & Griffith B.C. (1972). Communication and information processing within scientific disciplines: empirical findings for psychology. **Information Storage Retrieval**, 8 (3):123-136.
- Giacometti, M.M (1989). **Motivação e busca da informação: comportamento de docentes pesquisadores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**. Campinas, (Dissertação de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica de Campinas).
- Harrod, L.M. (1977). **The librarians glossary: terms used in librarianship, documentation and book crafts and reference book**. 4ª ed. London, Andre Deutsch
- Llagostera, A.A.G. (1990). **Produção técnico-científica do setor elétrico: estudo de seminários nacionais de produção e transmissão de energia elétrica na década de 1980**. Dissertação de mestrado defendida na PUCCAMP.
- Población, D.A e Duarte, J.G. (1989). Comunicação da informação científica entre pesquisadores. **Intercon**, 12 (61):47-61.
- Prazeres, Y.M.P da C. (1989). **Busca de Informação: comportamento do docente pesquisador da Universidade Estadual de Londrina**. Campinas, (Dissertação de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica de Campinas).
- Wersig, G. & Neveling, V. - comp. (1976). **Terminology of documentation: a selection of 1.200 basic terms published in english, french, german, russian and spanish**. Paris, UNESCO.
- Witter, G.P (1989). **Pesquisa documental, pesquisa bibliográfica e busca da informação**. (no prelo).
- Witter, G.P (1989). **Pesquisa como processo de tomada de decisão: variáveis relevantes**. (no prelo).
- Witter, G.P. Terzis, A.I.; Guzzo, R.S.L. & Amaral, V.L.R. (1989). **As referências bibliográficas nas dissertações de mestrado em Psicologia Clínica da PUCCAMP. (1972/1987)**. (no prelo).

Relações Familiares: A Percepção dos Filhos Adolescentes*

Maria Alexina Ribeiro

(Doutoranda UnB e membro Brasileiro de Estudos da Família - CEFAM)

Resumo

Ribeiro, M.A. Relações familiares: a percepção dos filhos adolescentes. **Estudos de Psicologia**, 9 (1): 27-42, 1992.

O objetivo do presente trabalho foi estudar o relacionamento familiar através da percepção que um grupo de adolescentes tem de seu relacionamento com os pais e do relacionamento conjugal destes. Analisou-se o grau de satisfação dos sujeitos a partir do relacionamento entre eles e seus genitores, de acordo com a avaliação que os primeiros fazem do relacionamento conjugal dos segundos. A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo. Os resultados mostraram que o relacionamento familiar é, em geral, satisfatório. A qualidade do relacionamento dos pais parece influenciar na maneira como os filhos adolescentes avaliam sua relação com os mesmos.

Palavras-Chave: relacionamento familiar, satisfação pessoal, análise de conteúdo.

Introdução

Segundo o modelo sistêmico, a família é um sistema que opera através de padrões transacionais, e possui diversos subsistemas. Os subsistemas conjugal e parental formado pelo casal, é considerado como o eixo das relações familiares. Da mesma forma que o sistema familiar participa de um processo de influência recíproca com outros sistemas (trabalho, escola, etc.), cada subsistema familiar influencia e é influenciado pelos demais subsistemas. Nenhum fato ou comportamento isolado ocasiona outro, mas cada um está vinculado, de forma circular, a outros fatos e comportamentos.

Estudos têm sido realizados com o objetivo de verificar como o relacionamento conjugal pode influenciar no relacionamento familiar como um todo e no desenvolvimento psicológico dos filhos. A partir do referencial teórico e da revisão bibliográfica sobre o tema, levantamos as seguintes questões:

- A insatisfação conjugal influencia negativamente na relação do casal com seus filhos?

* Pesquisa orientada pelo Professor Edson de Souza Filho, da Universidade de Brasília.

- A percepção que os filhos adolescentes têm do relacionamento conjugal de seus genitores influencia na forma como avaliam seu relacionamento com os últimos

- A existência de conflitos entre os cônjuges influencia negativamente na maneira como os filhos adolescentes avaliam o seu relacionamento com os pais?

Referencial Teórico: A Família

Usaremos, no presente trabalho, o conceito de família como sistema que opera através de padrões transacionais (Minuchin, 1982). O que se denomina teoria dos sistemas no terreno da Terapia Familiar consiste em uma série de conceitos originados da Teoria Geral dos sistemas e da Cibernética tendo como conceitos-chave a integridade, a regulação e a organização. As idéias centrais destes sistemas apoiam-se no pressuposto de que a totalidade é maior que a soma de suas partes; cada parte só pode ser compreendida dentro do contexto da totalidade; uma mudança em qualquer das partes afeta todas as demais, a totalidade se regula a si mesma por meio de uma série de circuitos de realimentação que se denominam circuitos cibernéticos. A informação vai e vem por estes circuitos a fim de ministrar estabilidade ou homeostase ao sistema. Estes conceitos de regulação e organização regulares, opostos à descrição individual e à explicação linear, têm sido o fundamento sobre o qual se apóia a terapia familiar.

A partir destes conceitos, presume-se que nenhum fato ou comportamento isolado ocasiona outro, mas que cada um está vinculado, de forma circular, a muitos outros fatos e comportamentos isolados. Considera-se que nenhuma pessoa tem um controle unilateral sobre nenhuma outra. Segundo Watzlawick e col. (1988) o comportamento de todo indivíduo, dentro da família, não é a soma das análises dos seus membros individuais (não-somatividade). Existem características do sistema, isto é, padrões de interação, que transcendem as qualidades dos membros individuais.

Uma família é um sistema que opera através de padrões transacionais. Transações repetidas estabelecem padrões de como, quando e com quem se relacionar e estes padrões reforçam o sistema. Os padrões transacionais regulam o comportamento dos membros da família e são mantidos por dois sistemas de repressão: um é genérico e envolve as regras universais que governam a organização familiar; outro é idiossincrático, e envolve as expectativas mútuas dos membros específicos da família.

Segundo Calil (1987), o sistema da família nuclear participa de um processo de influência recíproca com outros sistemas humanos (a família

extensa, trabalho, escola, grupos religiosos, etc.) e pode ser considerado subsistema de um supra-sistema (a comunidade). Além disso, a família nuclear possui sua própria suborganização, os subsistemas. No interior da família nuclear encontramos os subsistemas dos pais, dos cônjuges, dos filhos e dos irmãos. Cada um possui tarefas específicas dentro da família. Cabe aos cônjuges funcionarem juntos no que concerne a tomar decisões, preencher necessidades de interdependência (amor, sexo, companheirismo, etc.) e como pais possuem outras funções: ensinar cuidados físicos, relações familiares etc.

O modelo sistêmico considera o subsistema conjugal como eixo das relações familiares. As relações entre os elementos da família oscilam, dependendo das alterações do relacionamento conjugal. Segundo Skynner (1979), a satisfação sexual do casal é muito importante para a harmonia familiar, e sobretudo as crianças são influenciadas pelo relacionamento conjugal. E Lowen (1988) sugere que a neurose infantil pode ser, invariavelmente, atribuída a desajustamentos sexuais e conflitos entre os pais.

A qualidade do relacionamento familiar e do relacionamento conjugal, e sua influência sobre o desenvolvimento dos filhos tem sido bastante estudada, principalmente por pesquisadores americanos. Alguns autores que têm pesquisado sobre as consequências do divórcio parental para o ajustamento dos filhos afirmam que o conflito conjugal que antecede, acompanha e, muitas vezes, continua existindo mesmo depois do divórcio, pode ser mais traumático do que a separação em si. Segundo eles, o evento legal é menos traumático para todas as pessoas envolvidas do que o "divórcio emocional" ou psicológico que, inevitavelmente, o precede (Block, Block & Gjerde, 1986; Swartzberg & Chalmers, 1983).

Wallerstein e Kelly (1980) afirmam que, há alguns anos atrás, era comum às pessoas continuarem casadas "para o bem dos filhos". Hoje, sabe-se que um casal infeliz deveria se separar "para o bem dos filhos", porque um casamento infeliz tem consequências negativas não só para o casal mas também para as crianças. Assim, o divórcio que traz alívio para o casal também beneficia os filhos.

Em um ambiente hostil, tenso e opressor, de um casamento cronicamente insatisfatório, os filhos podem ser alvo da irritação e frustração dos pais, segundo Maldonado (1987). Problemas de comportamento têm sido encontrados tanto em famílias onde houve separação ou divórcio, quanto em crianças de lares intactos, mas conflituosos (Emery, 1988). Outros estudos mostram que crianças de lares onde houve divórcio, caracterizado pelo conflito conjugal, estão mais propensas a problemas do que crianças de lares intactos e de famílias onde houve divórcio, mas são relativamente harmoniosas (Hetherington, 1972).

Chawla e Gupt (1979), em um estudo com pais e crianças hindus emocionalmente problemáticas, encontram alta relação entre problemas

emocionais dos pais e problemas dos filhos. Entre os hindus o divórcio não é comum, portanto, espera-se que existam casais com relações extremamente tensas, vivendo juntos e criando seus filhos.

Em um estudo realizado com adolescentes residentes em Brasília (Ribeiro, 1988), encontramos a separação conjugal influenciando de forma negativa o autoconceito dos filhos. Os adolescentes cujos genitores são separados tiveram escores mais baixos em quatro dos seis fatores do autoconceito estudados: segurança pessoal, atitude social, autocontrole e self ético-moral. Acreditamos que esta influência se deva a vários fatores como: a separação conjugal normalmente é antecedida e acompanhada de muito conflito; no processo de dissolução conjugal, os filhos convivem com agressões, chantagens emocionais e uma situação afetiva especial em relação aos pais; a separação não envolve somente o casal, mas toda a família participa e está envolvida; a separação pode representar um desequilíbrio, temporário ou duradouro nas estruturas hierárquicas da família.

Outro estudo (Ribeiro, 1989) realizado com 23 adolescentes cujos pais são separados, residentes em Brasília, mostrou que o conflito entre pais pode ser tão negativo para os filhos, que a separação pode ser vista por eles como uma forma de aliviar as tensões. Embora alguns adolescentes tenham se sentido muito tristes, 21,5% relacionaram, de forma positiva a separação com o fim das brigas em casa.

Lummertz e Biaggio (1986) realizaram uma pesquisa com adolescentes no Rio Grande do Sul, e mostraram que há uma correlação positiva entre o autoconceito e o nível de satisfação familiar, e ambos têm uma interferência significativa sobre o desempenho acadêmico do adolescente. Segundo os autores, os estudantes de sucesso são aqueles que têm uma opinião positiva sobre si mesmos e são otimistas com relação ao seu desempenho futuro, tendo confiança em sua capacidade acadêmica em geral. E toda tensão familiar e sua conseqüente falta de coesão e de afeto refletem-se na conduta de certos adolescentes, assim como influem no seu desempenho escolar.

Metodologia

Amostra

A amostra é composta de 150 adolescentes com idade média de 15 anos e 02 meses, sendo 69 (46,00%) do sexo feminino e 81 (54,00%) do sexo masculino. Todos residem no Plano Piloto de Brasília e são alunos do 1º e 2º Grau de escolas da rede particular de ensino. O número médio de irmãos é 2,40, e todos vivem com ambos os genitores. Quanto à profissão dos pais, 38,67% são profissionais liberais, 21,33% são bancários, 20,00% são funcionários públicos, 6,00% são comerciantes,

46,67% são militares, 2,00% são professores, 4,67% são aposentados e 2,66% deles não responderam. Enquanto 90,00% dos sujeitos consideram seus pais felizes, 10,00% acham que eles são infelizes. Para 32,67% o pai é mais feliz que a mãe, 26,67% acham que a mãe é mais feliz, 24,66% consideram que ambos são igualmente felizes. Aqueles que responderam que os pais não costumam brigar, representam 57,33%, enquanto 42,67% disseram que eles brigam. Destes, 2,00% disseram que os pais brigam diariamente, 7,34% brigam semanalmente, 2,00% brigam mensalmente e 88,66% brigam de vez em quando. Quarenta e dois sujeitos (28,00%) estiveram ou estão, ou têm um membro da família que já esteve ou está sendo atendido por psicólogo.

Instrumento

Foi utilizado um questionário contendo questões fechadas sobre o relacionamento entre pais e filhos e o relacionamento conjugal.

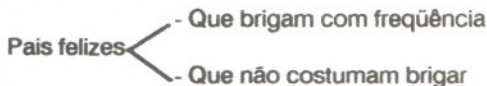
Procedimento

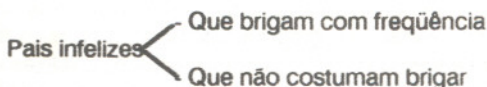
A aplicação do instrumento foi feita em 03 escolas particulares de 1º e 2º grau da Asa Norte de Brasília. Após o contato com a Direção da Escola, a fim de explicar o objetivo da pesquisa e conseguir autorização, os questionários foram respondidos, coletivamente, em sala de aula, em horário cedido pelos professores. Explicamos que os dados seriam conhecidos apenas pela pesquisadora e seu orientador e, em caso de publicação, nenhum dado que comprometesse a identificação das pessoas seria divulgado.

Análise dos Dados

Foi feita uma análise de conteúdo de cada resposta. Analisamos o grau de satisfação dos sujeitos com o relacionamento familiar de acordo com a percepção que eles têm da relação dos pais (se são felizes ou não, se costumam ou não brigar). Também foram analisados os aspectos positivos da família, através das respostas dadas à questão: "Do que você mais gosta em sua família?"

Os dados foram analisados de acordo com a seguinte divisão:

Pais felizes 

Pais infelizes 

Para verificar se as diferenças encontradas são estatisticamente significativas, aplicamos o teste qui-quadrado.

IV - Resultados

A tabela nº 01 mostra a avaliação global feita pelos adolescentes de seu relacionamento com seus pais, de acordo com a percepção que eles têm da relação conjugal. Aqueles que consideram os pais felizes e disseram que eles não costumam brigar, avaliaram seu relacionamento com os genitores de forma significativamente mais positiva (ao nível de confiança de 1%) do que neutra e negativa. Os que consideram os pais felizes, mas disseram que eles brigam com frequência, também avaliaram seu relacionamento com os mesmos de forma mais positiva (diferença significativa ao nível de confiança de 5%) mas menos positiva que o grupo cujos pais não costumam brigar. Enquanto 82,43% das respostas dadas pelos adolescentes, cujos pais não costumam brigar, revelam que seu relacionamento com os genitores é avaliado positivamente, 50,00% das respostas daqueles que disseram que seus pais brigam com frequência mostram que seu relacionamento com os mesmos é vista de maneira positiva. Também foi menor a porcentagem de respostas que revelam uma avaliação negativa de seu relacionamento com os pais, quando estes não costumam brigar (8,11%), do que aqueles que disseram que os pais brigam com frequência (38,46% das respostas). As diferenças encontradas entre as avaliações dos adolescentes que consideram seus pais infelizes não são estatisticamente significativas. Parece que o fato dos genitores brigarem, ou não, entre si, não influencia na maneira como os filhos adolescentes avaliam seu relacionamento com os pais, nesse grupo. As respostas que revelam uma avaliação neutra tiveram uma frequência relativamente baixa, aparecendo mais no grupo cujos pais são tidos como infelizes, embora não significativa estatisticamente.

A tabela 02 mostra o grau de satisfação que os adolescentes manifestaram quanto ao seu relacionamento com os pais, de acordo com a avaliação que eles fazem do relacionamento dos genitores (se são felizes ou infelizes e se costumam brigar). O grau 3 se caracteriza por temas como: excelente, muito bom, ótimo, etc. O grau 2 se refere aos temas: bom, aberto, harmonioso, etc. O grau 1 está relacionado com temas como: razoável, normal, amigável, etc. E o grau 0 se refere aos temas que demonstram insatisfação com o relacionamento pais/filhos, como: conflituoso, difícil, péssimo, etc. As diferenças encontradas são estatisticamente significativas (ao nível de confiança de 1%) apenas no grupo cujos pais são felizes e não costumam brigar. Neste grupo o grau 2 teve maior frequência de respostas (47,97%), e em seguida está o grau 3 com 34,46% das respostas dadas. Enquanto 50,00% das respostas dadas por aqueles que avaliaram seus pais como infelizes e que brigam com frequência (N=10) revelam um grau de satisfação 0, apenas 8,11% das respostas dos adolescentes que consideram seus pais felizes e que não costumam brigar (N=123) revelam o mesmo nível de satisfação (zero). Quanto ao grupo cujos pais são felizes, mas brigam com frequência (N=12), 38,46% das respostas revelam um grau de satisfação zero,

enquanto no grupo que considera os pais infelizes e que brigam com frequência (N=05) 50,00% das respostas dadas revelam o mesmo grau de satisfação. No grupo de adolescentes que consideram seus pais felizes e que não costumam brigar, à medida que vamos do grau zero para os graus 2 e 3, a tendência é aumentar a frequência das respostas. Com o grupo de pais infelizes, podemos afirmar que acontece o oposto.

Tab. 1 - Avaliação Global do Relacionamento com os Pais de acordo com a Percepção que os Filhos tem da Relação Conjugal

AVALIAÇÃO	Pais Felizes				Pais Infelizes			
	QUE BRIGAM COM FREQUÊNCIA		QUE NÃO COSTUMAM BRIGAR		QUE BRIGAM COM FREQUÊNCIA		QUE NÃO COSTUMAM BRIGAR	
	F	%	F	%	F	%	F	%
POSITIVA	13	50,00	122	82,43	03	30,00	06	33,33
NEUTRA	03	11,54	14	9,46	02	20,00	03	16,67
NEGATIVA	10	38,46	12	8,11	05	50,00	09	50,00
TOTAL	26	100	148	100	10	100	18	100
	N = 12		N = 123		N = 05		N = 10	

Tab. 2 - Grau de Satisfação com o Relacionamento com os Pais de acordo com a Percepção que os Filhos tem da Relação Conjugal

GRAU DE SATISFAÇÃO	Pais Felizes				Pais Infelizes			
	QUE BRIGAM COM FREQUÊNCIA		QUE NÃO COSTUMAM BRIGAR		QUE BRIGAM COM FREQUÊNCIA		QUE NÃO COSTUMAM BRIGAR	
	F	%	F	%	F	%	F	%
3	05	19,23	51	34,46	01	10,00	02	11,11
2	08	30,77	71	47,97	02	20,00	04	22,23
1	03	11,54	14	9,46	02	20,00	03	16,66
0	10	38,46	12	8,11	05	50,00	09	50,00
TOTAL	26	100	148	100	10	100	18	100
	N = 12		N = 123		N = 05		N = 10	

Tab. 3 - Avaliação do Relacionamento com a Mãe e com o Pai

AVALIAÇÃO		RELACIONAMENTO COM A MÃE	RELACIONAMENTO COM O PAI
POSITIVA	F	16	03
	%	88,89	20,00
NEUTRA	F	-	01
	%	-	6,67
NEGATIVA	F	02	11
	%	11,11	73,33
TOTAL	F	18	15
	%	100	100

Tab. 4 - O que Você mais Gosta em sua Família?

SISTEMAS CATEGORIAIS DE SIGNIFICADO	PAIS FELIZES		PAIS INFELIZES	
	F	%	F	%
DINÂMICA DA FAMÍLIA	80	45,72	04	26,66
ASPECTOS AFETIVOS	32	18,29	02	13,34
MEMBROS DA FAMÍLIA	25	14,29	01	6,66
ASPÉCTOS ÉTICO-MORAIS	18	10,28	03	20,00
SITUAÇÕES DE LAZER	06	3,43	02	13,34
ASPECTOS UTILITÁRIOS DA FAMÍLIA	07	4,00	-	-
CONCEPÇÃO MÍSTICA	02	1,14	-	-
OUTROS	05	2,85	03	20,00
TOTAL	175	100	15	100

Além de avaliar o seu relacionamento com os pais (pai e mãe), alguns adolescentes fizeram também uma avaliação do relacionamento com o pai e com a mãe, separadamente. Por exemplo: "Com minha mãe é legal, mas com o pai é difícil", "É mais aberto com meu pai", "Converso muito com minha mãe, converso pouco com meu pai", "Só gosto do meu

pai como pai, não muito como amigo. Da minha mãe gosto dos dois modos". As avaliações que os adolescentes fizeram do relacionamento com a mãe foram mais positivas (88,89% das respostas) do que negativas (11,11%) ou neutras (diferença significativa ao nível de confiança de 1%). As avaliações que fizeram do relacionamento com o pai foram significativamente mais negativas (73,33% das respostas) do que positivas (20,00%) ou neutras (6,67%) ao nível de confiança de 1%. Todos os atributos usados pelos adolescentes para se referir à mãe foram positivos (super legal, carinhosa). Quanto ao pai, 85,71% dos atributos são negativos (fechado, ausente, chato, tradicional) e apenas 14,29% são positivos (aberto), uma diferença significativa ao nível de confiança de 5%. Avaliados em conjunto, parece haver uma tendência em usar atributos positivos como: compreensivos, liberais, super legais, amigos, um barato (diferença significativa ao nível de confiança de 1%). A porcentagem de atributos positivos usados para se referirem aos pais (63,33%) é maior do que a porcentagem de atributos positivos usados para se referirem ao pai (14,29%), mas é maior que os relacionados à mãe (100%). Não apareceram atributos com conotação neutra.

A Tabela nº 04 mostra os sistemas de significado relativos à questão: "Do que você mais gosta em sua família?". As diferenças encontradas no grupo de Pais Felizes são significativas ao nível de confiança de 1%. As diferenças encontradas no grupo de Pais Infelizes não foram significativas estatisticamente. Em ambos os grupos, a categoria que teve maior frequência foi Dinâmica da Família (45,72% das respostas dos adolescentes que consideram os pais felizes e 26,66% das respostas daqueles cujos pais são considerados infelizes). Esta categoria reúne temas como: união, relacionamento, comunicação, etc. Em segundo lugar, está a categoria Aspectos Afetivos com 18,29% no primeiro grupo e 13,34% no segundo, com os temas: amizade, amor, carinho, dedicação. A categoria Membros da Família aparece em terceiro lugar. Alguns adolescentes citaram alguns dos membros da família como sendo o de que mais gostam em suas famílias, e destes, que foram 26 sujeitos, 26,93% se referiram a irmãos, 19,23% ao pai, 19,23% a mãe, 15,37% aos pais, 7,69% disseram gostar de "todos". Um adolescente (3,85%) disse gostar dos primos pequenos, um (3,85%) disse gostar de si mesmo, e outro (3,85%) disse que gosta de sua cachorrinha.

A categoria Aspectos Ético-Morais reúne temas como: honestidade, lealdade, respeito, sinceridade, confiança. Estes temas apareceram com maior frequência (20,00%) no grupo cujos pais são considerados infelizes. A categoria Situações de Lazer, com os temas diversões, férias, reuniões, finais de semana e viagens, também aparece com maior frequência neste grupo (13,34%). Os temas que formam a categoria Aspectos Utilitários da Família são: casa, ambiente, conforto, mesada e situação financeira da família. Estes temas só apareceram no grupo cujos pais são considerados felizes. É interessante observar que, no grupo de adoles-

centes cujos pais são considerados infelizes, o número de respostas dadas coincide com o número de sujeitos (N=15). Os sujeitos daquele grupo (Pais Infelizes) citaram apenas um ponto positivo da família, do qual mais gostam, enquanto vários sujeitos do grupo de Pais Felizes citaram mais de um aspecto.

Quanto à frequência com que, os pais brigam, as diferenças encontradas no grupo cujos pais são considerados felizes são estatisticamente significativas, enquanto as diferenças encontradas no outro grupo não são. Nos dois grupos, a maioria dos genitores costumam brigar "de vez em quando". Dos três sujeitos que afirmaram que os pais brigam diariamente, 02 disseram que eles são infelizes. Dos 11 pais que brigam semanalmente, 09 (81,81%) são considerados pelos filhos como felizes e 02 (18,19%) os consideram infelizes. Dos 03 que brigam mensalmente, 02 estão no grupo de Pais Felizes. Dos 122 sujeitos que afirmaram que seus pais brigam de vez em quando, 91,80% os consideram felizes e 8,20% os consideram infelizes.

V - Discussão dos Resultados

Os resultados do presente estudo mostram que os adolescentes, de maneira geral, avaliaram o relacionamento familiar (pais/filhos e pai/mãe) de forma positiva. A atitude neutra apareceu com baixa frequência, ou seja, ao falar de suas famílias, os sujeitos tenderam a expressar sentimentos e emoções. Os adjetivos usados com maior frequência pelos adolescentes, para avaliarem o relacionamento entre eles e seus pais, foram Bom (F=36), ótimo (F=28) e Muito Bom (F=27). O relacionamento dos pais também foi visto pela maioria como satisfatório, uma vez que 90,00% dos adolescentes consideram seus pais felizes.

Avaliados separadamente, o relacionamento com a mãe foi mais positivo do que o relacionamento com o pai. Com a mãe, o relacionamento é "melhor do que com o pai", é aberto, solto, há mais diálogo, ou seja, ela é como se fosse "uma irmã mais velha" ou "amiga". Já com o pai, é uma relação de "respeito", pouco amigável, o diálogo é mais difícil, não há muita liberdade. O pai é mais fechado, ausente e "chato", enquanto a mãe é "carinhosa" e "super legal". Essas diferenças podem refletir uma dicotomia que ainda parece existir em nossa sociedade: a mulher é mais afetiva, empática, e o homem frio e racional. Conseqüentemente, a mãe é quem dá afeto aos filhos, é compreensiva, enquanto cabe ao pai a autoridade, colocação de limites e a imposição de normas sociais. Essa estereotipia, que vemos com frequência em famílias de nossa convivência, e também nos consultórios, é a causa de muitos problemas e dificuldades relacionados com a divisão dos papéis entre homens e mulheres, criação de hábitos e atitudes, que vão se reproduzindo através das gerações, pois os pais são os principais modelos para seus filhos.

É interessante notar que algumas respostas dadas pelos adolescentes, as preocupações reveladas e o vocabulário utilizado, são bastan-

te característicos da faixa etária à qual pertencem. Expressões como "Nosso relacionamento é lindo, gostoso", "Meus pais são super-legais", "Eles são um barato!", "Meus pais são podadores", são, normalmente, usadas por adolescentes. E a preocupação com o diálogo, a liberdade, o lazer, o companheirismo dos pais, também parece ser típica desta fase do ciclo vital. Não foram raras as respostas como: "Minha mãe é mãe e amiga", "Ela não é minha confidente", "Meu pai é só pai", "Minha mãe é como se fosse minha irmã mais velha".

Quando perguntamos aos adolescentes do que eles mais gostam em suas famílias, a **união** é o tema que aparece com maior frequência (46 vezes) seguido de **amizade** (15 vezes) **amor** (11 vezes) e **sinceridade** (10 vezes). Estes temas também aparecem com alta frequência em outro estudo que realizamos com 130 estudantes universitários com idade entre 17 e 51 anos, residentes em Brasília. Os adolescentes deram respostas mais variadas, que foram agrupadas em 08 categorias diferentes, enquanto as respostas dos estudantes universitários foram agrupados em 03 categorias. De modo geral os aspectos valorizados pelos dois grupos são os mesmos. Os temas relacionados com os aspectos ético-morais são citados com maior frequência pelos adolescentes ($F=21$) do que pelos estudantes universitários ($F=05$). Estes não citaram membros da família, o que os adolescentes fizeram com frequência.

Outro ponto comum que encontramos entre esses dois grupos é que ambos avaliaram o relacionamento familiar de forma positiva, sendo que as atitudes neutras e negativas aparecem com menor frequência.

A questão da "união e harmonia" da família, como ponto positivo, aparece com alta frequência nos dois grupos. Como afirmamos no estudo anterior, a união, harmonia e amor parecem estar interligados, caracterizando a família como grupo coeso e mostrando como é importante a "unidade familiar". A busca dessa união pode envolver verdadeiros sacrifícios por parte dos indivíduos e de todo o sistema familiar. A individualidade dos seus membros pode ficar prejudicada, desde que a unidade seja preservada, e o consenso garantido.

A comunicação entre pais e filhos parece ser um ponto considerado como importante para os adolescentes. Ela foi mencionada 41 vezes, sendo 24 vezes de forma positiva e 17 vezes de forma negativa. Isso pode mostrar que a comunicação com os pais acontece sem problemas para a maioria dos adolescentes que participaram da pesquisa. Sabemos que muitos pais têm dificuldade de se comunicarem com os filhos adolescentes por vários motivos. Nesta faixa etária os filhos começam a questionar a autoridade dos pais, os valores, normas e limites que eles querem lhes impor. Os pais, que eram respeitados pelas crianças como sábios e poderosos, agora são questionados, o seu saber passa a ser relativo e muitos são até ridicularizados pelos filhos adolescentes. Além disso, o vocabulário usado por muitos são verdadeiros dialetos, que tornam a comunicação entre os filhos adolescentes e seus pais ainda

mais difícil. Não é raro ouvirmos queixas do tipo: "Meus pais não me entendem" e "Meu filho está muito estranho".

Os irmãos são citados por 07 adolescentes como membros da família de quem gostam mais, o que pode ser um indicador de que existe um bom relacionamento entre eles. Em algumas famílias, devido à maneira diferenciada com que os pais tratam os filhos, pode haver fortes competições entre eles, com ciúmes e uma verdadeira luta pela atenção e preferência dos pais, criando um ambiente familiar tenso e hostil.

Para verificar se a percepção que os filhos adolescentes têm da relação conjugal de seus genitores influencia na maneira como eles avaliam o seu relacionamento com os pais, comparamos as respostas de cada grupo. Os adolescentes foram divididos em quatro grupos: aqueles que consideram seus pais felizes e estes não costumam brigar; os que consideram seus pais felizes e estes brigam com frequência; os que consideram seus pais infelizes e estes não costumam brigar; os que consideram seus pais infelizes e estes brigam com frequência.

Dos 4 grupos, o que avaliou o relacionamento entre pais e filhos de forma mais positiva e menos negativa foi aquele cujos adolescentes consideram seus genitores felizes e estes não costumam brigar. Esse resultado pode significar que, quando há um relacionamento satisfatório e harmonioso entre os cônjuges, o relacionamento entre eles e seus filhos também será satisfatório e harmonioso.

Os adolescentes que consideram seus pais felizes, mas estes brigam com frequência, também avaliaram o seu relacionamento com os genitores de maneira mais positiva do que negativa. Porém, comparados com o grupo cujos pais não costumam brigar, a porcentagem de avaliações negativas é maior. Essa diferença pode ser um indicador de que, quando os pais são considerados felizes, o fato de brigarem com frequência influencia negativamente na maneira como os filhos vêem o seu relacionamento entre eles e seus genitores. Ou seja, o conflito conjugal entre casais considerados por seus filhos como felizes, influencia de forma negativa o relacionamento entre pais e filhos.

Quanto ao grupo de adolescentes que consideram seus pais infelizes, parece que o fato de haver ou não brigas com frequência entre os genitores não influencia na maneira como os filhos avaliam o seu relacionamento com os pais. A porcentagem de avaliações positivas e negativas é praticamente igual nos dois grupos (pais que brigam com frequência e pais que não costumam brigar). Embora as diferenças encontradas no grupo de Pais Infelizes não sejam estatisticamente significativas, comparado com o grupo de Pais Felizes, o primeiro teve avaliações mais negativas e menos positivas do que o segundo. Ou seja, os adolescentes cujos pais são felizes avaliaram o seu relacionamento com os genitores de forma mais positiva e menos negativa do que os adolescentes que consideram seus pais infelizes.

Quanto à influência do conflito conjugal, ela parece estar presente apenas no grupo de adolescentes que consideram seus pais felizes. No grupo de Pais Infelizes, o fato de brigarem ou não, não parece influenciar na forma como os filhos adolescentes avaliam as relações pais/filhos. Poderíamos afirmar que se o casal é feliz, ou seja, seu relacionamento é insatisfatório e seus membros vivem insatisfeitos um com o outro, o fato de brigarem é visto pelos filhos como natural? Ou seja, se são infelizes é normal que haja conflito entre eles, e este conflito não interfere na maneira como os filhos avaliam suas relações com os pais.

No grupo de Pais Felizes o fato de haver brigas com frequência parece influenciar na forma como os filhos vêem as relações pais/filhos. Poderíamos afirmar que se o casal é feliz, ou seja, seu relacionamento é satisfatório, as brigas podem aparecer, aos olhos dos filhos, como ameaça tanto ao sistema conjugal, quanto ao sistema familiar? E essa ameaça teria um efeito negativo sobre a avaliação que os filhos fazem da sua relação com os pais?

O número médio de irmãos dos adolescentes que participaram da pesquisa foi praticamente o mesmo nos dois grupos. No grupo de Pais Felizes a média foi 2,38%, enquanto no grupo de Pais Infelizes foi de 2,46%. Isto invalida uma possível hipótese de que a extensão da família poderia influenciar na qualidade do relacionamento entre seus membros. Um estudo de Hagestad (1986) mostra que há evidências de que famílias grandes e pequenas constituem contextos qualitativamente diferentes de desenvolvimento. Segundo o autor, as crianças de famílias pequenas recebem mais atenção dos pais do que crianças com grande número de irmãos, e, pesquisas recentes têm mostrado diferenças no desenvolvimento intelectual e na performance escolar.

A porcentagem de adolescentes que têm alguma pessoa da família, ou ele próprio, que já esteve ou está sendo atendido por psicólogo foi de 28,00% na amostra geral. No grupo cujos pais são considerados felizes, esta porcentagem foi de 26,66%, e no grupo cujos pais são considerados infelizes, 46,67% dos adolescentes responderam que alguma pessoa da família já esteve ou está sendo atendida por psicólogo. Em um estudo que realizamos com 60 adolescentes, residentes em Brasília, da mesma faixa etária e situação sócio-econômica, mas cujos pais são separados (Ribeiro, 1988), 61,67% dos sujeitos tinham pessoas da família em atendimento psicológico. Este dado poderia indicar que as famílias que enfrentam problemas em decorrência de conflito conjugal e de separação do casal têm dificuldades em resolvê-los, e, por isso, procuram ajuda terapêutica. Esta porcentagem pode ser menor ou maior em se tratando de amostra de situação sócio-econômica e região do país diferentes. Não podemos perder de vista o fato de que os adolescentes que participaram do presente estudo pertencem à classe média-alta de Brasília. E sabemos que esta é uma classe que, pelo nível de esclarecimento e poder aquisitivo, tem maior acesso ao atendimento psicológico.

VI - Conclusões

Nossas questões foram parcialmente respondidas. Os resultados do presente trabalho mostram que o relacionamento dos adolescentes com seus genitores e o relacionamento conjugal destes são, na maioria, satisfatórios. A qualidade do relacionamento dos pais parece influenciar na maneira como os filhos adolescentes avaliam sua relação com os mesmos. Aqueles cujos pais são felizes avaliam de maneira mais positiva a relação pais/filhos. E os que consideram seus pais felizes e não há brigas freqüentes entre eles, avaliam a relação pais/filhos mais positivamente do que os adolescentes cujos pais são considerados felizes mas brigam com freqüência. O fato de brigar com freqüência tem influência negativa neste grupo sobre a percepção que os filhos têm da relação deles com os pais.

Quanto ao grupo de adolescentes que consideram os pais infelizes, os resultados não são estatisticamente significativos, e a amostra é bastante pequena, portanto, os dados obtidos são apenas ilustrativos. Mas se compararmos os dois sub-grupos (pais infelizes que brigam com freqüência e pais infelizes que não costumam brigar), observamos que praticamente não há diferença, o que mostra que, quando os filhos consideram os pais infelizes, o fato de brigarem ou não, não influencia na forma como eles (filhos adolescentes) avaliam as relações pais/filhos. E esta avaliação é mais negativa, mais neutra e menos positiva do que a avaliação feita pelo grupo de adolescentes que consideram os pais felizes.

Os aspectos positivos da família que foram citados com maior freqüência foram a união, amizade, amor e sinceridade, temas encontrados em estudo realizado anteriormente com um grupo de faixa etária diferente, mas também residente em Brasília. Poderíamos formular a hipótese de que a família brasileira, em geral, valoriza a união, amizade, amor e sinceridade que existem entre seus membros. Mas, para testar nossa hipótese, teríamos que trabalhar com uma amostra representativa de todas as regiões do país.

Os resultados aqui apresentados poderão ser expandidos por pesquisas com amostras maiores, de diferentes faixas etárias e classes sociais, e também por estudos longitudinais que possibilitem uma avaliação mais acurada das influências que o relacionamento conjugal tem sobre as relações familiares como um todo.

Summary

Ribeiro, M.A. Familiar relationships: the adolescent son and daughter's perception. **Estudos de Psicologia**, 9 (1):27-42, 1992.

The present research aimed to study family relationships through the teenager's perception about their relation with their own parents and their parents' relationship. The satisfaction rate demonstrated by the subjects as for the relationship with each other as well as with their mothers and fathers, was analyzed according to their private evaluations of the above mentioned matrimonial relationship. Concerning the methodology, a content analysis was employed. The results showed that both relationships might be considered satisfactory in most of situations involved. Furthermore, father and mother own relationships quality seems to influence the way their offsprings usually evaluate their own relationship with their parents during adolescence period.

Key-words: familiar relationship, personal satisfaction, content analysis.

Referências Bibliográficas

- Bardin, L. (1977). **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70.
- Block, J.H.; Block, J. e Gjerde, P.G. (1986). The Personality of Children Prior to Divorce: A Perspective Study. **Child Development**, 57, 827-840.
- Calil, V.L.L. (1987). **Terapia Familiar e de Casal**. São Paulo: Summus Editorial.
- Chawla, P.L. e Gupt K. (1979). A Comparative Study of Parents of Emotionally Disturbed and Normal Children. **British Journal of Psychiatry**, 134, 406-411.
- Emery, R.E. (1980). Interparental Conflict and the Children of Discord and Divorce. **Psychological Bulletin**, 92, 310-330.
- Hetherington, E.M. (1972). Effects of Father Absence on Personality Development in Adolescent Daughters. **Developmental Psychology**, 2, 313-326.
- Lowen, A. (1988). **Amor e Orgasmo**. São Paulo: Summus Editorial Ltda.
- Lummertz, J.G. e Biaggio, A.M.B. (1986). Relação entre Autoconceito e Satisfação familiar em Adolescentes. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 38, 158-166.
- Maldonado, M.T. (1987). **Casamento: Término e Reconstrução**. Petrópolis: Editora Vozes.
- Minuchin, S. (1982). **Famílias - Funcionamento e Tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Ribeiro, M.A. (1988). O Autoconceito de Adolescentes Segundo o Sexo e a Estrutura Familiar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 4 (2), 85-95.
- Ribeiro, M.A. (1989). Separação Conjugal: O que os Filhos Acham e Como se Sentem? **Estudos de Psicologia**, 6(2), 25-40.
- Ribeiro, M.A. (1990). **Representação Social da Família**. Pesquisa realizada sob orientação do Prof. Edson de Souza Filho, da Universidade de Brasília.
- Skygger, A.C.R. (1979). **Pessoas Separadas - Um Só Corpo**. Rio de Janeiro: Zahar.
- Swartzberg, L.; Schmukler, D. e Chalmers, B. (1983). Emotional Adjustment and Self-Concept of Children from Divorced and Nondivorced Unhappy Homes. **The Journal of Social Psychology**, 121, 305-311.
- Wallerstein, J.S. e Kelly, J.B. (1980). California's Children of Divorce. **Psychology Today**, 13, 67-76.
- Watzlawick, P.; Beavin, J.H. e Jackson, D.D. (1988). **Pragmática da Comunicação Humana**. São Paulo: Editora Gultrix Ltda.

Treino ao Toalete - Comparação das Práticas Educativas Utilizadas com Crianças Atualmente "Enuréticas" e "Não-Enuréticas". *

Ana Maria Buischi Soveral (bolsista FAPESP)
Sônia Vitalino Graminha (FFCL - USP - Ribeirão Preto)

Resumo

Soveral, A.M.B. e Graminha, S.S.V. Treino ao toalete - comparação das práticas educativas utilizadas com crianças atualmente "enuréticas" e "não enuréticas". *Estudos de Psicologia*, 9 (1): 43-65, 1992

O objetivo foi investigar e comparar as práticas de treino ao toalete utilizadas por pais de crianças "enuréticas" e "não-enuréticas" que estão freqüentando classe especial para deficiente mental. Foram entrevistadas, segundo um roteiro 32 mães de alunos de classe especial, distribuídas em dois grupos: 16 mães de "enuréticos" e 16 mães de "não-enuréticos", emparelhados quanto ao sexo, idade do filho e nível sócio-econômico da família. Evidencia-se no grupo de "não-enuréticos" uma maior porcentagem de mães que apresentam ação consistente e uma maior porcentagem de pais participantes do treino e apresentando ação consistente à da mãe. As mães de "não-enuréticos" costumavam elogiar mais a criança quando esta usava adequadamente a privada, criticavam menos zangadas quando a criança urinava ou evacuava na roupa e ainda apresentavam maior atitude de orientação com relação ao comportamento desejado da criança, em comparação com as mães de "enuréticos".

Palavras-Chave: enurese, deficiência mental, Treino de Toalete.

Introdução

A enurese noturna tem sido amplamente estudada e já, no início do século XX, verificam-se muitos esforços por parte de diferentes estudiosos voltados à análise mais sistemática desse tema, como pode ser encontrado no trabalho de Mowrer e Mowrer (1938). Nos anos 80, após a realização de inúmeros trabalhos acerca da enurese, esta continua sendo uma temática que vem merecendo a atenção de muitos estudiosos como Leventhal (1981), Trombini e colaboradores (1982), Weir (1982), Bollard (1982), Barnett (1983), Finley e Wakeford (1984), Wenddorf (1984), Finchan e Spetell (1984), Shaffer, Gardner e Hedge (1984), Vidaheit e colaboradores (1984) e outros. Dada a dificuldade da questão, Lovibond (1972) enfatiza a importância dos estudos, visando a compreensão e o tratamento da enurese.

(*) Projeto desenvolvido com bolsa da FAPESP

Para "compreender" a enurese, é importante considerar os mecanismos etiológicos envolvidos. Dentre os múltiplos fatores associados à ocorrência de enurese, há indicações na literatura de que a forma como é conduzido o treino ao toalete pode desempenhar importante papel na aprendizagem do controle vesical pela criança e, portanto, na ocorrência ou não de enurese.

Leventhal (1981) considera que essa aquisição é influenciada pela maneira com que os pais realizam o treino da criança ao toalete e também pelas suas próprias expectativas com relação ao filho. Os pais, por sua vez, são influenciados por normas sociais e culturais, por atitudes e expectativas da família, pela história familiar relacionada a problemas com o treino, pelas suas próprias atitudes com relação à limpeza e outros aspectos importantes. Ele também faz referência a características de personalidade da criança, nível de ansiedade, motivação para o treino e qualidade do relacionamento com os pais como fatores de grande importância para a aquisição do controle vesical. Relata que nos Estados Unidos, em gerações passadas, o treino ao toalete se iniciava antes do 1º ano de vida, entretanto atualmente a maioria dos pais o inicia a partir do 2º ou 3º ano. Do mesmo modo que Leventhal, Weir (1982) considera que as expectativas culturais e as técnicas de treino ao toalete são fatores importantes para o estabelecimento da continência urinária na criança.

Num trabalho mais recente, Martin e colaboradores (1984) ressaltam o fato de que tanto a teoria psicológica, quanto o aconselhamento pediátrico e as práticas educativas utilizadas pelos pais em relação ao treino ao toalete, têm passado por importantes modificações durante este século. A evolução da teoria e a prescrição com relação ao treino ao toalete têm tido amplos reflexos nas mudanças atuais da teoria do desenvolvimento. Nos últimos 80 anos, o pensamento acerca do desenvolvimento infantil trouxe inúmeras explicações, interpretações e teorias sobre o papel do treino ao toalete no processo de socialização. No início desse século, a maioria dos aconselhamentos profissionais aos pais era marcada por uma atitude de "permissividade", sendo que a habilidade materna para criar seus filhos era inquestionável, o treino ao toalete era feito de uma maneira informal e os pais, na época, consideravam que o comportamento adequado do uso do toalete deveria emergir naturalmente, como qualquer outra característica da criança.

De acordo com esses autores, essa "permissividade" foi questionada pela teoria do condicionamento através de Watson em 1928, que aconselhava os pais, no seu livro, sobre práticas educativas a iniciar o treino ao toalete do filho a partir de 3 semanas de vida, pressupondo que quanto mais cedo se inicia o treino, tanto mais cedo a criança adquire o controle da bexiga. Houve entretanto a volta à "permissividade" através de duas teorias distintas com implicações para o desenvolvimento infantil: a abordagem psicanalítica e a maturacional de Gesell e Ilg, respectivamente. Para os psicanalistas, o treino ao toalete estaria relacionado à

constelação de tensões e conflitos, cuja resolução influenciaria a formação posterior da personalidade, enquanto que os maturacionistas presupunham que o treino ao toaleta dependia basicamente do desenvolvimento fisiológico da criança. Surgiram, entretanto, em 1973, Foxx e Azrin que sugeriram a abordagem comportamental para o treino ao toaleta e afirmaram que o processo para a aquisição do controle da bexiga, poderia ser completado muito rapidamente pela utilização de seu método, mesmo com as crianças mais jovens (20 meses).

Entretanto, Martin e colaboradores (1984) concluem que apesar de todas essas teorias, o aconselhamento dos especialistas e o comportamento dos pais, muitas vezes, não estão congruentes. Ao citarem dados de pesquisa publicados em 1957 por Sears, Maccoby e Levin, relatam que 50% dos pais participantes do projeto haviam iniciado o treino ao toaleta por volta ou antes dos 9 meses, enquanto que Dr. Spock, especialista da época de 1946, aconselhava os pais a iniciarem o treino ao toaleta após os 9 meses de idade e, se possível, aos 18 meses. Os dados citados por esses autores sobre o trabalho de Stehbens e Silber, realizado em 1971, mostram que os pais tendem a subestimar a duração do tempo gasto para a realização ao toaleta, bem como a idade ideal para o seu início. Martin e colaboradores concluem que essa ênfase mais atual no respeito ao ritmo da própria criança, no processo do treino ao toaleta tem sido provavelmente facilitada pelas máquinas de lavar automáticas e mais recentemente pelas fraldas descartáveis. Por essa razão, não se admira que o treino ao toaleta tenha se realizado mais rapidamente para as crianças de gerações passadas ou de outras culturas, do que para as crianças americanas atuais.

Doleys e Dolce (1982) enfatizam também o problema do treino ao toaleta e o consideram de grande importância, tanto para os pais quanto para os clínicos. Afirmam, contudo, que, infelizmente, a maior parte da literatura disponível é contraditória, ou tem pouco valor pragmático para o clínico na sua tarefa de aconselhamento aos pais que buscam um método apropriado para efetuarem o treino ao toaleta de seu filho. Esses autores comentam que nos Estados Unidos, durante os últimos 40 anos, tem sido relatada uma grande variedade de técnicas de treinamento, muitas delas conflitantes acerca de quando e como treinar as crianças. Salientam ainda que os métodos de treino ao toaleta variam de uma cultura para outra e até mesmo, ao longo do tempo, dentro de uma mesma cultura. Os autores descrevem a sua realização nos Kibutz, onde o treino é executado por muitas pessoas, existindo um responsável primário, o "metapelet", que assume grande parte da responsabilidade por esse treinamento. O método envolve um processo de condicionamento gradual, que pode ser considerado como orientado para a criança. A criança é geralmente levada ao vaso e suavemente aconselhada a usá-lo convenientemente. O processo destina-se a minimizar o conflito e a ansiedade, sendo enfatizadas as atitudes permissivas e as práticas flexíveis.

Bakwin (1961) comenta que é bastante comum as crianças, criadas nos Kibutz ou nas fazendas de Israel, apresentarem problemas de enurese, apesar de não serem verificados outros tipos de problemas comportamentais.

Ao descrever a etiologia da enurese, Ajuriaguerra (1980) destaca a influência dos pais e faz referência a dois modos de atuação: a ação inadequada sobre o plano da organização da criança ou a ação mais geral sobre o plano de seu desenvolvimento afetivo. Comenta que um grande número de autores observam condutas inconsistentes ou atitudes neuróticas por parte dos pais, prejudiciais ao estabelecimento do controle esfinteriano na criança em idade normal. Essa inadequação dos pais pode se manifestar por meio de uma atitude excessivamente coercitiva (em geral levando a criança a reações de revolta e de defesa), ou, pelo contrário, através de uma atitude muito permissiva que impede a organização do controle da micção.

Nesse mesmo sentido, Leventhal (1981) observa que o atraso na aquisição do controle noturno da bexiga pode estar relacionado ao fato de os pais exercerem pouca ou muita pressão durante a fase do treino de eliminação por volta dos 3 ou 4 anos de idade. Para ele, tanto a demasiada pressão interna da própria criança (querendo agradar os pais) quanto a pressão externa podem interferir nesse processo.

Christmanson e Lisper (1982) também consideram que as práticas educativas para o treino ao toalete são provavelmente fatores cruciais na etiologia da enurese, no entanto, são raros os estudos focalizando a relação entre os comportamentos dos pais referentes ao treino e a enurese na criança.

Do mesmo modo, Leventhal (1981) salienta que essa questão da relação entre o treino ao toalete e enurese, não tem sido adequadamente explorada e os dados a esse respeito são muito limitados. Segundo ele, existem estudos indicativos de que a iniciação precoce ao treino (13 a 18 meses) durante o dia leva a um controle diurno precoce enquanto alguns autores concluem que esta iniciação mais cedo reduz a probabilidade de enurese noturna, outros não encontram qualquer relação entre a época de início do treino e enurese. Apesar da escassez de dados de pesquisa, o autor considera a probabilidade de uma relação entre a ocorrência da enurese e o estilo do treino.

Apesar de concordarem com Leventhal (1981) a respeito da existência de poucos dados de pesquisa nessa área, Shaffer, Gardner e Hedge (1984), consideram que pode haver uma relação entre a enurese e o treino ao toalete tardio.

Já Halverdtadt (1976) considera que o treino ao toalete precoce em geral não é bem sucedido, podendo resultar em prejuízo à criança, ocasionando um atraso no desenvolvimento do controle neuromuscular noturno.

Alguns autores, preocupados com a questão do treino ao toalete, desenvolveram trabalhos com o objetivo de trazer outras contribuições nessa área. Shaw (1976), por exemplo, pesquisou a forma popular de educação com relação a este trabalho nos Estados Unidos na década de 70. Mattheus (1976) investigou os procedimentos de treino ao toalete publicados numa amostra significativa de livros e artigos de pediatria, com o objetivo de detectar que tipo de informação os médicos pediatras tinham acerca desse treino.

Christmanson e Lisper (1982) desenvolveram na Suécia um estudo comparativo sobre as práticas do treino ao toalete utilizadas por mães de crianças "enuréticas" e "não enuréticas", com o objetivo de verificar se havia diferenças de atitudes que pudessem estar relacionadas à enurese da criança. Os dados encontrados evidenciaram diferenças nos dois grupos de mães, tanto com relação à época de início do treino, quanto à forma de realizá-lo. As mães de crianças "enuréticas" iniciaram esse treino mais precocemente e costumam levar seu filho ao banheiro mais frequentemente nessa fase, do que as mães de crianças "não-enuréticas".

Mais recentemente, Martin e colaboradores (1984) desenvolveram um trabalho com o objetivo de avaliar as relações entre a maturação fisiológica, expectativas maternas e a idade de início e término da aquisição do controle de esfíncter pela criança. Para tal trabalharam com 71 crianças entre 18 e 33 meses e suas respectivas mães. Seus dados mostram a existência de alta correlação entre a pressão materna e o aparecimento de comportamentos iniciais do uso do toalete pela criança, não havendo correlação, entretanto, entre a pressão materna e o término do processo de aprendizagem do uso adequado do toalete. Verificaram que não houve diferenças entre os meninos e as meninas com relação à idade em que apresentaram os comportamentos iniciais de uso do toalete. Observaram também que a maturação fisiológica tem influência na demora da aquisição do controle de esfíncter nos meninos, visto que estes apresentaram comportamento do uso adequado do toalete mais tarde do que as meninas.

Larsen e Winther (1980), na Dinamarca, estudaram variáveis sociais e psicológicas relacionadas à enurese, tais como, condições de trabalho da mãe, status social da família e o sexo da criança. Os resultados enfatizaram a visão de que os principais fatores no problema de enurese estão relacionados às características da prática educativa diária da criança e à forma de socialização utilizada pela família com o filho.

Fisher e Fisher (1981) realizaram nos Estados Unidos um estudo com o objetivo de comparar as atitudes dos pais de três grupos de crianças com relação ao processo geral de educação de seus filhos. Com tal propósito, selecionaram três grupos de crianças - crianças "enuréticas", crianças "não-enuréticas" com sintomas clínicos e crianças "normais" - e trabalharam junto aos seus pais. Os dados demonstram que, tanto os pais de crianças "enuréticas" quanto os de crianças com sinto-

mas clínicos, apresentam uma tendência ao menor encorajamento da individualidade e autonomia de seus filhos (sendo algumas vezes menos hostis, menos irritáveis e até mesmo menos autoritários) do que pais de crianças "normais".

Os estudos citados sugerem, portanto, que a questão do treino ao toalete parece ser extremamente relevante com referência ao problema de enurese. Verifica-se, contudo, que apesar desses trabalhos mais recentes, os dados disponíveis na literatura acerca da possível relação entre os diversos aspectos do treino ao toalete e o problema de enurese são ainda muito escassos, não sendo encontrados no Brasil, estudos relativos a essa questão.

Além disso, uma revisão mais extensa dos trabalhos desenvolvidos em geral sobre enurese evidencia que eles não se referem a populações brasileiras, sendo a maior parte deles realizados junto a crianças "normais" e poucos com aquelas que apresentam atraso de desenvolvimento. Mesmo nesses casos em particular, os estudos são geralmente voltados para indivíduos com retardo profundo.

Em decorrência das observações acima, planejou-se o presente trabalho que tem como objetivo principal a investigação e comparação das práticas educativas de treino ao toalete utilizadas por pais de crianças "enuréticas" e "não-enuréticas", com enfoque mais específico a crianças pertencentes à população de classe especial para deficiente mental, ou seja, a chamada população de "deficientes mentais educáveis".

Método

2.1. Sujeitos

Participaram desta pesquisa, um total de 32 mães de crianças que freqüentavam classe especial para deficiente mental nos anos de 1984 e 1985, distribuídas em dois grupos: Grupo A, constituído por 16 mães de crianças "enuréticas" e Grupo B, por 16 mães de crianças "não-enuréticas". Os grupos foram emparelhados em relação ao sexo, idade da criança e nível sócio-econômico da família. A identificação e escolha dos componentes dos grupos A e B foi feita a partir de dados levantados através de um Formulário enviado aos pais de todas as crianças que freqüentavam as nove classes especiais da cidade de Ribeirão Preto, nos anos de 1984 e 1985.

Cada grupo ficou respectivamente composto por mães de 12 meninos e 4 meninas. As idades das crianças das mães do grupo A variaram de 8 anos e 6 meses a 16 anos e as das mães do grupo B de 8 anos e 4 meses a 15 anos e 11 meses. Os níveis sócio-econômicos das famílias dos dois grupos variaram entre médio, médio-baixo e baixo, havendo predominância dos níveis médio-baixo e baixo.

2.2. Material

Foi utilizado um Roteiro de Entrevista amplo (composto por 72 questões) e um Formulário Auto-Administrado (composto por 21 questões) que foram elaborados especialmente para um estudo mais amplo (do qual o presente trabalho faz parte) sobre enurese. Além desses instrumentos básicos de coleta de dados, foram utilizados um gravador mini-cassete, fitas cassete e material de secretaria.

2.3. Procedimento

Foi feito um primeiro contato com as 32 mães, nas suas respectivas residências, ocasião em que o pesquisador expunha os objetivos da pesquisa e verificava o interesse e disponibilidade delas em participar do trabalho. Caso afirmativo, era marcada data e horário para a realização da entrevista de acordo com a disponibilidade da mãe. No momento da entrevista, eram explicadas as razões do uso do gravador e era pedida sua permissão para utilizá-lo.

As mães foram entrevistadas em suas respectivas residências, segundo o roteiro aplicado de forma flexível, e a duração das entrevistas variou de 40 minutos a 2 horas. Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente as fitas foram transcritas.

3. Resultados e Discussão

Para este trabalho foram consideradas as respostas das mães, relativas a 20 questões do Roteiro de Entrevista, especificamente as que investigavam determinados aspectos da prática educativa, utilizada pelos pais, no treino ao toalete do filho. Os dados obtidos em cada grupo de mães apresentados sob a forma de frequência e porcentagem, estabelecendo-se principalmente comparações entre as práticas relatadas pelas mães como tendo sido utilizadas com seus filhos atualmente "enuréticos" e "não-enuréticos". A tabela 1 mostra a idade das crianças, quando as mães iniciaram o ensino do uso do vaso sanitário.

Tab.1 - Distribuição da frequência e porcentagem de crianças "enuréticas" (E) e "não-enuréticas" (NE) com relação à idade na época do do uso do vaso sanitário.

Época do início do uso do vaso sanitário	Uso do vaso sanitário p/urinar						Uso do vaso sanitário p/defecar					
	E		N-E		TOTAL		E		N-E		TOTAL	
	freq	%	freq	%	freq	%	freq	%	freq	%	freq	%
1a - 3a 11 m	11	68,75	15	93,75	26	81,25	12	75,00	16	100,0	28	87,50
4a - 8a	5	31,25	1	6,25	6	18,75	4	25,00	-	-	4	12,50
TOTAL	16	100,0	16	100,0	32	100,0	16	100,0	16	100,0	32	100,0

Os dados evidenciaram que a maioria das crianças nos dois grupos iniciou o uso do vaso sanitário entre 1 ano e 3 anos e 11 meses. No entanto, isso ocorreu numa percentagem maior de crianças "não-enuréticas" do que de "enuréticas", tanto com relação a urinar quanto com relação a defecar. Esta constatação torna-se mais evidente quando se observa que, enquanto a grande maioria das crianças "não-enuréticas" começou a fazer uso do vaso sanitário antes dos 4 anos, uma certa percentagem das "enuréticas" (entre 25% e 31,25%) só começou a usá-lo após essa idade.

Esses dados relativos às crianças "não-enuréticas" vão de encontro àqueles encontrados num estudo brasileiro realizado numa população normal por SILVA (1986), que investigou a educação dos filhos pequenos nos últimos 50 anos e constatou que as mães da década de 70 e 80 (que seriam contemporâneas às mães desse estudo) iniciaram o treino ao toalete do filho por volta dos 3 anos de idade.

Os dados aqui encontrados mostraram que, nesta população, as crianças "enuréticas" iniciaram a aprendizagem do uso da privada mais tarde do que as crianças "não-enuréticas", o que poderia corroborar a consideração feita por autores como Shaffer, Gardner e Hedge (1984) acerca da existência de uma possível relação entre a enurese e o treino ao toalete tardio. A escassez de dados de pesquisa nesta área dificulta, portanto qualquer conclusão nesse sentido.

Parece lógico supor que as crianças que iniciaram o treino ao toalete mais cedo (respeitando-se obviamente a "prontidão" psicológica e fisiológica para tal), tenham mais chances de aprendizagem do controle da micção. Entretanto, Christmanson e Lisper (1982) encontraram na Suécia, dados evidenciando que as mães de "enuréticos" iniciaram o treino ao toalete mais precocemente que as de "não-enuréticos", diferindo assim dos resultados deste estudo.

Outra informação obtida relaciona-se à sequência de comportamentos, apresentada pela mãe, na realização do treino ao toalete do filho. Os dados indicam que em ambos os grupos a sequência mais comumente empregada foi: 1º) a mãe lembrava a criança de ir ao banheiro; 2º) acompanhava a criança ao banheiro; 3º) segurava seu filho no vaso sanitário; 4º) permanecia junto com a criança no banheiro até que ela terminasse. Não ocorreram grandes diferenças com relação a essa sequência nos dois grupos, tendo-se apenas encontrado uma diferença maior entre os grupos no que se refere ao fato da mãe explicar para o filho que era necessário que ele pedisse a ela, quando quisesse ir ao banheiro - houve maior número de mães de "não-enuréticos" que explicitou isso a seu filho.

É interessante verificar, também, que o elogio ao comportamento adequado da criança por usar o vaso sanitário foi muito pouco mencionado pelas mães dos dois grupos como parte do processo de ensino desse novo comportamento à criança.

Esses dados poderiam nos levar à conclusão de que não houve diferenças nos dois grupos, quanto à maneira pela qual às mães ensinaram o uso da privada a seus filhos. Entretanto, devemos considerar a possibilidade da existência de aspectos qualitativamente relevantes e não revelados por nossos dados na forma de ação das mães e que poderiam destacar importantes fatores de discriminação na maneira particular de cada uma delas realizar o treino ao toalete de seu filho. Tal constatação exigiria a técnica da observação direta, impossível de ser usada neste estudo, em virtude do próprio tipo de dados que se pretendia coletar. Talvez fosse interessante a realização de um estudo longitudinal, investigando e observando o momento do treino ao toalete e relacionando posteriormente esses dados com a presença ou não de enurese nas crianças.

Outro dado obtido refere-se aos tipos de utensílios utilizados pelas mães, visando facilitar o início do uso do vaso sanitário pela criança.

A tabela 2 mostra todos os utensílios mencionados pelas mães.

Tab. 2 - Tipos de utensílios utilizados pelas mães para facilitar o uso do vaso sanitário pela criança. Freqüência e Porcentagem.

Tipos de Utensílios	E		N-E		Total	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
"Piniquinho"	12	75,00	9	56,25	21	65,62
Tampa menor de vaso sanitário	-	-	2	12,50	2	6,25
Privadinha menor	1	6,25	-	-	1	3,12
Banquinho para facilitar o acesso ao vaso sanitário	1	6,25	-	-	1	3,12
Nenhum utensílio	2	12,50	6	37,50	8	25,00

Esses dados mostraram que mais da metade das mães participantes dos dois grupos fizeram uso do penico, ao iniciarem o ensino do uso do vaso sanitário a seus filhos. Evidencia-se que 87,50% das crianças "enuréticas" fizeram uso de algum tipo de utensílio, quando se iniciou o treino ao toalete, tendo isso ocorrido com 68,75% das crianças do outro grupo. Em ambos os grupos, o penico se destacou como o utensílio mais utilizado.

Para manter a criança sentada no vaso sanitário durante um certo tempo, por ocasião do início do uso da privada, a grande maioria das mães de ambos os grupos (81,25% de "enuréticos" e 93,75% de "não-enuréticos") relatou não ter utilizado qualquer recurso, e, enquanto, 18,75%

de mães de "enuréticos" usaram recursos como, contar estória, cantar música ou deixar a criança brincar com o papel higiênico, somente uma mãe no grupo de "não-enuréticos" lançou mão do recurso de sentar no bidê para servir de modelo à criança de como utilizar o vaso sanitário.

Outra informação obtida refere-se aos recursos utilizados pelas mães para ajudar seu filho a não urinar na "calcinha", durante o dia, na fase de treino ao toalete. Os dados a esse respeito são apresentados na tabela 3.

Tab. 3 - Recursos utilizados pelas mães para ajudar a criança a não urinar na "calcinha" durante o dia na fase de treino ao toalete. Frequência e Porcentagem.

Recursos Utilizados	E		N-E		Total	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Lembrar a criança de que está na hora de ir ao banheiro	2	12,50	4	25,00	6	18,75
Falar para a criança ir no "piniquinho" ou privada quando quisesse urinar	6	37,50	-	-	6	18,75
Levar a criança ao banheiro de tempo em tempo (de 1/2 em 1/2 hora)	1	6,25	2	12,50	3	9,37
Falar que deveria pedir quando quisesse ir ao banheiro	1	6,25	1	6,25	2	6,25
Por o penico no banheiro	1	6,25	-	-	1	3,12
Levar a criança ao banheiro quando pedia	4	25,00	14	87,50	18	56,25
Perguntar se a criança queria "fazer xixi"	1	6,25	2	12,50	3	9,37
Levar a criança ao banheiro por apenas duas vezes	1	6,25	-	-	1	3,12

O recurso mais usado pelas mães dos "enuréticos" foi o de falar para a criança ir à privada ou "piniquinho" quando quisesse urinar (37,50%), enquanto que a grande maioria de mães de "não-enuréticos" (87,50%) costumava levar a criança ao banheiro quando esta solicitava. Este recurso mais usado pelas mães de "enuréticos" não foi usado por nenhuma das mães de "não-enuréticas". Parece que esse procedimento mais usado no grupo das mães de "não-enuréticas" (acompanhar a criança ao banheiro quando esta solicitava) demonstra uma atitude de maior participação por parte delas no treino ao toalete de seu filho em comparação à atitude das mães dos "enuréticos", cujo procedimento mais comum foi o de falar para a criança ir ao banheiro ou privada quando quisesse urinar.

Os resultados obtidos evidenciaram que o número de recursos utilizados pelas mães variou de 0 a 4, sendo que a maioria das mães dos "enuréticos" (93,75%) utilizou apenas um recurso, enquanto que a maioria das mães do outro grupo (81,25%) utilizou de 2 a 4 recursos para ajudar a criança a não urinar na "calcinha", durante o dia, nessa fase.

Pôde-se concluir, portanto, que além das mães de "não-enuréticos" terem tido atitude de maior participação no treino ao toalete de seu filho, elas também lançaram mão de maior número de recursos para que a criança, nessa fase, não molhasse a "calcinha", em comparação com as mães de "enuréticos".

Com relação a defecar, a tabela 4 apresenta os dados referentes aos recursos utilizados pelas mães para ajudar a criança a não sujar a calça e defecar na privada durante a fase de treino ao toalete.

Tab. 4 - Recursos utilizados pelas mães para ajudar a criança a não sujar a calça e defecar na privada durante a fase de treino ao toalete. Freqüência e Porcentagem

Recursos Utilizados	"Enuréticas"		"Não-Enuréticas"	
	Freq.	%	Freq.	%
Lembrá-lo de ir ao banheiro	15	93,75	11	62,50
Acompanhá-lo ao banheiro após a criança ter pedido por "cocô"	16	100,00	15	93,75
Colocá-la na privada nos horários mais prováveis de ocorrência de "cocô"	7	43,75	9	56,25
Colocá-la numa privadinha ou penico de tempo em tempo	2	12,50	1	6,25
Lembrá-la de pedir para fazer "cocô"	13	81,25	11	62,50
Levá-la ao banheiro quando ela sinalizasse de forma não-verbal que queria fazer "cocô"	13	81,25	12	75,00

Uma mesma mãe pode ter se utilizado de mais de um recurso

Observou-se que o recurso mais utilizado por ambos os grupos de mães foi o de acompanhar a criança ao banheiro após ela ter pedido (100% de "enuréticos" e 93,75% de "não-enuréticos"). Os outros recursos mais utilizados nos dois grupos foram: lembrar a criança de ir ao banheiro; lembrá-la de pedir para defecar e levá-la ao banheiro quando dava sinal de que queria defecar. As diferenças entre os dois grupos de mães, nas porcentagens de utilização de cada recurso variou de 6,25% a 31,25%,

ocorrendo quase sempre uma maior percentagem de mães de "enuréticos" que utilizaram a maioria dos recursos.

Com relação ao número de recursos utilizados pelas mães, verificou-se que a maioria delas, de ambos os grupos, utilizou de 4 a 5 recursos para ajudar a criança a não sujar a calça e defecar na privada durante o treino ao toalete, entretanto isso ocorreu em percentagem maior dentre as mães de crianças "enuréticas" (75%) do que das de "não-enuréticas" (62,50%). Pôde-se constatar ainda que não houve nenhuma mãe de criança "enurética" que tenha usado somente um recurso, havendo apenas uma que usou 2 recursos; todas as outras mães deste grupo utilizaram no mínimo 3 recursos, o que pode demonstrar que elas estavam bastante atentas nessa fase, para ajudar a criança a não sujar a "calcinha" e fazer uso adequado da privada.

A tabela 5 mostra os recursos utilizados pelas mães, durante a fase de treino ao toalete, para ajudar a criança a não urinar na cama à noite.

Tab. 5 - Recursos utilizados pelas mães durante a fase de treino ao toalete para ajudar a criança a não urinar na cama à noite. Frequência e percentagem.

Recursos Utilizados	"Enuréticas"		"Não-Enuréticas"	
	Freq.	%	Freq.	%
Deixar a luz acesa para facilitar a ida da criança ao banheiro	9	56,25	8	50,00
Lembrá-la de urinar antes de dormir	16	100,00	14	87,50
Impedir que tomasse líquido à noite ou controlar a quantidade ingerida	5	31,25	5	31,25
Colocar o "piniquinho" no quarto	8	50,00	1	6,25
Acordá-la à noite para ir ao banheiro	7	43,75	3	18,75
Acompanhá-la ao banheiro durante a noite	-	-	3	18,75

Esses dados mostram que foram vários os recursos utilizados pelas mães para ajudar a criança a não urinar na cama na fase de treino ao toalete, sendo que os mais usados, nos dois grupos, foram os de lembrar a criança de fazer "xixi" antes de dormir (100% e 87,50%) e em seguida o de deixar a luz acesa para facilitar a ida da criança ao banheiro (56,25% e 50%). Outro recurso utilizado, em percentagem igual, em ambos os grupos (31,25%), foi o controle da quantidade de líquido ingerida à noite. Houve grande diferença com relação ao uso do "piniquinho" no quarto, sendo este recurso usado por metade das mães de

crianças "enuréticas" (50%) e somente por 6,25% das mães de "não-enuréticas". Ocorreu diferença também com relação a acordar a criança à noite para ir ao banheiro, sendo que 43,75% das mães de "enuréticos" lançaram mão desse recurso e apenas 18,75% das mães do outro grupo o fizeram. Acompanhar a criança ao banheiro durante a noite, ocorreu apenas com 18,75% de mães de "não-enuréticos" e com mãe nenhuma do outro grupo.

O número de recursos utilizados pelas mães variou de 0 até 5, sendo que a maioria das mães de "enuréticos" (62,50%) utilizou 3 recursos e a maioria de "não-enuréticos" (50%) 2 recursos, tendo ocorrido somente 1 mãe (6,25%) do grupo de "não-enuréticos" que não utilizou qualquer recurso.

Ao se comparar os números de recursos empregados pelas mães para ajudar a criança a não urinar na cama e não evacuar na calça com o número de recursos utilizados para ajudar a criança a não urinar na "calcinha", observou-se que os resultados se invertiam no sentido de que as mães de "enuréticos" costumavam utilizar maior número de recursos do que as mães de "não-enuréticos" o que poderia demonstrar que já nessa fase, essas mães estavam bastante atentas e talvez preocupadas com esses aspectos.

Outras informações interessantes levantadas nesse estudo dizem respeito às promessas feitas pelas mães às crianças para evitar que estas urinassem na calça ou na cama e sijassem a calcinha na fase de treino ao toalete.

Tab. 6 - Promessas feitas pelas mães às crianças para evitar que estas urinassem na cama ou na calça durante a fase do treino ao toalete. Freqüência e Percentagem.

Tipos de Promessas	Para evitar o "xixi" na cama ou calça					
	E		N-E		Total	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
De presentes, carinho ou passeios caso a criança não urinasse na cama ou na calça	-	-	2	12,50	2	6,25
De castigo, bronca ou surra caso ela urinasse na cama ou na calça	7	43,75	7	43,75	14	43,75
Nenhuma promessa	9	56,25	7	43,75	16	50,00
TOTAL	16	100,0	16	100,0	32	100,0

Tab.6a - Promessas feitas pelas mães às crianças para evitar que estas defecassem na calça durante a fase do treino ao toalete. Frequência e Porcentagem.

Tipos de Promessas	Para evitar o "cocô" na calça					
	E		N-E		TOTAL	
	Freq	%	Freq	%	Freq	%
De presentes, carinho ou passeios caso a criança não evacuasse na cama ou na calça	-	-	2	12,50	2	6,25
De castigo, bronca ou surra caso ela evacuasse na cama ou na calça	6	37,50	7	43,75	13	40,62
Nenhuma promessa	10	62,50	7	43,75	17	53,12
TOTAL	16	100,0	16	100,0	32	100,0

Observa-se que 43,75% das mães dos dois grupos prometiam à criança algum tipo de punição, caso ela molhasse a cama ou a "calcinha", o que também ocorreu na mesma percentagem no grupo de "não-enuréticos" para evitar o cocô na calça e em percentagem pouco menor (37,50) no grupo dos enuréticos. Por outro lado, evidencia-se que nenhuma mãe de "enuréticos" prometia algum tipo de reforçamento caso a criança não se "molhasse" e não se "sujasse" e, somente mães de não-enuréticos" (apesar de poucas) costumavam prometer presentes ou passeios, caso seus filhos não urinassem na calça ou na cama ou não evacuassem na "calcinha". Verificou-se entretanto, que a maioria das mães de "enuréticos" e grande parte das de "não-enuréticos" não costumavam fazer qualquer promessa à criança na tentativa de evitar, tanto o "xixi" na cama ou calça quanto o "cocô" na calça. Os dados obtidos indicam ainda que as promessas feitas eram em geral cumpridas pelas mães.

Relacionados a esse aspecto, constataram-se outros resultados extremamente relevantes que devem ser enfatizados. Referem-se às contingências utilizadas pelas mães frente ao comportamento da criança de usar adequadamente o vaso sanitário nesta fase de treino ao toalete. A tabela 7 mostra a reação das mães frente a utilização adequada do vaso sanitário pela criança.

Tab. 7 - Reação das mães frente à utilização adequada do vaso sanitário pela criança a fase de treinamento ao toalete.

REAÇÃO DAS MÃES	USO DO VASO PARA URINAR					
	E		N-E		TOTAL	
	Freq	%	Freq	%	Freq	%
Não falar e não fazer nada de específico	8	50,00	2	12,50	10	31,25
Elogiar a criança	6	37,50	12	75,00	18	56,25
Apressar a criança para terminar logo	1	6,25	1	6,25	2	6,25
Falar que seria melhor ir ao banheiro porque não teria que ficar agachado	-	-	-	-	-	-
Falar que deveria fazer "direitinho"	-	-	-	-	-	-
Não se lembra	1	6,25	1	6,25	2	6,25
TOTAL	16	100,0	16	100,0	32	100,0
REAÇÃO DAS MÃES	USO DO VASO PARA DEFECAR					
	E		N-E		TOTAL	
	Freq	%	Freq	%	Freq	%
Não falar e não fazer nada de específico	9	56,25	4	25,00	13	40,62
Elogiar a criança	6	37,50	8	50,00	14	43,75
Apressar a criança para terminar logo	-	-	-	-	-	-
Falar que seria melhor ir ao banheiro porque não teria que ficar agachado	-	-	2	12,50	2	12,50
Falar que deveria fazer "direitinho"	1	6,25	2	12,50	3	9,37
Não se lembra	-	-	-	-	-	-
TOTAL	16	100,0	16	100,0	32	100,0

Observou-se que, quando as crianças faziam uso adequado do vaso sanitário para urinar durante o treino ao toalete, a maioria das mães dos "não-enuréticos" (75%) elogiava o filho, enquanto que 50% das mães do outro grupo nada falava ou fazia. Constatou-se ainda que isto ocorre também com relação ao uso adequado do vaso para defecar, apesar das porcentagens serem um pouco diferentes (50% e 56,25% respectivamente). Verificou-se a ocorrência de outros tipos de reações, em porcentagens bem menores, de mães de ambos os grupos como: apressar a criança para terminar logo, falar que era melhor ir ao banheiro do que ficar agachado ou falar que era para fazer direitinho. Observou-se, ainda, que, quando as crianças faziam uso adequado do vaso sanitário para defecar, uma porcentagem maior de mães de "não-enuréticos" apresentava atitude de orientação com relação ao comportamento adequado da criança (falava que era melhor ir ao banheiro do que ficar agachado ou que era para fazer "direitinho").

Por outro lado, pode-se observar na Tabela 8 as reações das mães, quando as crianças nesta fase urinavam na calça e na cama ou sujavam a "calcinha".

Tab. 8 - Reação das mães quando as crianças urinavam na calça e quando defecavam na calça na fase de treino ao toalete.

Reação das Mães	Frente à ocorrência de "xixi"					
	E		N-E		Total	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Não falar nada e não fazer nada específico	3	18,75	5	31,25	8	25,00
Ficar brava ou criticar a criança	9	56,25	5	31,25	14	43,75
Bater ou prometer surra caso ocorresse outra vez	5	31,25	5	31,25	10	31,25
Explicar que deveria pedir para ir ao banheiro	3	18,75	5	31,25	8	25,00
Mandar a criança tirar a roupa para trocar	2	12,50	2	12,50	4	12,50

Ocorreu de uma mesma mãe fornecer mais de uma resposta.

Tab. 8 - Reação das mães quando as crianças urinavam na calça e quando defecavam na calça na fase de treino ao toalete.

Reação das Mães	Frente à ocorrência de "cocô"					
	E		N-E		Total	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Não falar nada e não fazer nada específico	4	25,00	3	18,75	7	21,87
Ficar brava ou criticar a criança	9	56,25	7	43,75	16	50,00
Bater ou prometer surra caso ocorresse outra vez	6	37,50	3	18,75	9	28,12
Explicar que deveria pedir para ir ao banheiro	4	25,00	5	31,25	9	28,12
Mandar a criança tirar a roupa para trocar	-	-	-	-	-	-

Ocorreu de uma mesma mãe fornecer mais de uma resposta.

Verificou-se que a maioria das mães dos "enuréticos" (56,25%) ficava zangada ou criticava o filho, quando este molhava a cama ou a calça durante a fase de treino ao toalete, o que ocorreu em porcentagem menor (31,25%) no outro grupo. Observou-se que não houve diferenças de porcentagens entre os grupos com relação à reação das mães em termos de bater ou prometer surra caso ocorresse o "xixi" na calça, ou na cama, pela criança nessa fase. É interessante verificar que houve diferença, apesar de pequena, entre os grupos, com relação às mães que não falavam nada à criança, quando esta molhava a cama ou a calça nessa fase (31,25% no grupo de "não-enuréticos" e 18,75% no de "enuréticos"). Houve mais porcentagem de mães de "não-enuréticos" (31,25%) em comparação com as de "enuréticos" (18,75%) que apresentaram atitude de orientação com relação ao comportamento desejado da criança, ou seja, explicavam a seu filho, que ele deveria pedir para ir ao banheiro, que não devia urinar na calça.

Quando a criança sujava a calcinha, a maioria das mães nos dois grupos ficava brava com a criança, havendo, no entanto, uma porcentagem ligeiramente maior de mães de "enuréticos" (56,25%) do que de "não-enuréticos" (43,75%) que reagiam dessa forma. Observou-se também porcentagem maior de mães de "enuréticos" (37,50%) que costumava bater no seu filho, em comparação com a porcentagem de mães do outro grupo (18,75%).

É interessante ressaltar que houve pouca diferença entre os grupos com relação às reações das mães que envolviam uma forma de

orientação à criança acerca do comportamento adequado que era esperado dela. Enquanto que 31,25% das mães de "não-enuréticos" apresentavam atitude de orientação acerca de qual era o comportamento adequado esperado da criança (explicava que era para a criança pedir para ir ao banheiro, que não devia fazer na calça), 25% das mães de "enuréticos" apresentavam essa atitude.

Uma análise conjunta dos dados relativos às contingências e promessas utilizadas por essas mães, no treino ao toalete do filho, pareceu deixar evidente que a maioria das mães de crianças "enuréticas" ficavam, nesta fase, mais centradas no comportamento inadequado da criança de urinar na cama e calcinha (e a esse comportamento elas, em geral, reagiam, apresentando algum tipo de punição) do que no adequado. A maioria das mães nem apresentava qualquer reforçamento, quando acontecia da criança usar adequadamente a privada, nem o prometia, caso isso acontecesse; no entanto elas, em geral, apresentavam algum tipo de punição, se a criança molhasse a "calcinha" ou a cama e, além disso, era comum o uso da promessa de punição para o inadequado, na tentativa de evitar que ele ocorresse.

Já no grupo de mães de crianças "não-enuréticas", os dados mostraram que, apesar de grande porcentagem delas ter feito uso de contingência punitiva frente ao comportamento inadequado da criança, em contrapartida, grande parte delas reforçava a criança frente ao comportamento adequado e também apresentava maior atitude de "orientação" com relação ao comportamento esperado da criança.

Outro aspecto que está intrinsecamente relacionado às atitudes dos pais com relação ao treino ao toalete, refere-se à consistência da ação da mãe entre a ação do pai e da mãe. A tabela 9 mostra a consistência da ação da mãe e a consistência entre a ação do pai e da mãe com relação ao treino ao toalete do filho. Esses dados indicaram uma maior porcentagem de mães de crianças "não-enuréticas" (81,25%) agindo de forma consistente com o seu filho no treino ao toalete, do que de mães de crianças "enuréticas" (56,25%).

Os dados evidenciaram ainda, que, enquanto, 43,75% dos pais de "não-enuréticos" participavam do treino ao toalete do filho, apenas 18,75% dos pais dos "enuréticos" participavam. É interessante observar que dentre os que participavam do treino, todos os pais de "enuréticos" agiam de maneira diferente da mãe, enquanto que a grande maioria dos pais de "não-enuréticos" agia de forma semelhante à da mãe.

Os dados demonstraram portanto que no grupo de crianças "não-enuréticas" houve maior porcentagem de pais participantes do treino ao toalete e a maioria agindo de maneira igual à da mãe, em comparação com o grupo de "enuréticos". Além disso, houve maior porcentagem de mães consistentes no grupo de "não-enuréticos".

É importante mencionar que esses resultados relativos à consistência da ação dos pais, no treino ao toalete do filho, podem ser corrobora-

rados pela afirmação de Ajuriaguerra (1980) de que condutas inconsistentes dos pais podem prejudicar o estabelecimento do controle esfinteriano na criança.

Tab. 9 - Consistência da ação da mãe e consistência entre a ação do pai e da mãe com relação ao treino ao toalete do filho.

Maneira de agir do pai	Igual à Mãe		Diferente da Mãe		Não participava do treino ao toalete				Pai ausente (separado ou falecido)				Total							
	"Enuréticas"		"Não Enuréticas"		"Enuréticas"		"Não Enuréticas"		"Enuréticas"		"Não Enuréticas"		"Enuréticas"		"Não enuréticas"					
Maneira de agir da mãe	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%				
Agia sempre da mesma forma	-	-	5	31,25	3	18,75	2	12,50	6	37,50	6	37,50	-	-	9	56,25	13	81,25		
Ora agia de um jeito, ora de outro	-	-	-	-	-	-	-	6	37,50	2	12,50	1	6,25	1	6,25	7	43,75	3	18,75	
Total	-	-	5	31,25	3	18,75	2	12,50	8	50,00	8	50,00	1	6,25	16	100,0	16	100,0	18	100,0

4. Considerações Finais

Considerando os resultados encontrados neste estudo, parece evidente a ocorrência de algumas diferenças importantes nos dois grupos de mães na realização do treino ao toalete do filho, ou seja, as mães de crianças "enuréticas" enfatizam mais o comportamento "inadequado" da criança, enquanto que as de "não-enuréticos" valorizam mais o "adequado", e apresentam maior atitude de orientação com relação ao comportamento desejado da criança dos "enuréticos" e, ainda, a maior parte das mães desse grupo que parecem ser consistentes quanto à sua ação no treino ao toalete do filho. Outra diferença relevante refere-se à atitude dos pais, sendo que no grupo de "não-enuréticos" os pais participam mais, mostrando também maior consistência com a ação da mãe.

Por outro lado, as mães nos dois grupos mostraram características semelhantes nos seguintes aspectos: tipos de recursos utilizados no treino ao toalete; nos utensílios por elas utilizados antes do início do uso da privada e na sequência de comportamentos empregados na realização do treino ao toalete do filho.

Os dados coletados neste estudo podem contribuir para uma melhor compreensão acerca da realização do treino ao toalete, sendo que o conjunto de informações obtidas é potencialmente útil para os profissionais da área na sua tarefa de orientação às mães, visando prevenir a enurese. No entanto, ainda que os resultados permitam uma visualização do treino ao toalete, devemos ter cautela na sua interpretação e generalização tanto para a população de C.E.D.M. quanto para a população normal, levando-se em conta a especificidade da amostra (crianças de C.E.D.M. de Ribeirão Preto), o número restrito de sujeitos (32 mães), as limitações do uso da técnica de entrevista como já indicados por autores como Cannell e Kahn (1974) e a crítica metodológica, fundamentada na falta de fidedignidade na obtenção de dados retrospectivos (Wenar, 1961).

Entretanto, essas restrições no uso da entrevista se tornam minimizadas neste estudo, considerando-se os cuidados dispendidos no processo de elaboração e teste do roteiro de entrevista e de realização da própria entrevista.

Através desses dados portanto, parece legítimo afirmar que a forma de realização do treino ao toalete desempenha papel importante na aquisição do controle diurno e noturno da bexiga pela criança, podendo supor que este treino seja possivelmente um fator relevante na etiologia da enurese.

Contudo, a escassez de estudos a este respeito certamente limita a possibilidade de afirmações mais conclusivas neste sentido, o que por outro lado não descaracteriza a relevância dos resultados aqui obtidos.

É indispensável se considerar a extrema necessidade de pesquisas nessa área, principalmente no Brasil, para que se possa delinear melhor a relação entre o treino ao toalete e enurese.

Summary

Soveral, A.M.B. e Graminha, S.S.V. Toilet training - comparison of educational practices used with "enuretic" and "no-enuretic" children. **Estudos de Psicologia**, 9 (1): 43-65, 1992.

The objective was to investigate and to compare the educational practices of toilet training used by parents of "enuretic" and "no-enuretic" children of special class for mental deficient students. Thirty-two mothers of special class children were interviewed according to an interview schedule. The mothers of "enuretic" children and another with mothers of "non-enuretic", matched according to child's sex and age and the family's social economic class. In the mother's group of "non-enuretic" children, it was observed a higher percentage of mothers showing a consistent action and a higher percentage of fathers participating on the training and showing a consistent action to the mother's action. The mothers of "non-enuretic" used to praise the child more than the mothers of "enuretic" when the toilet was properly used and also criticized less and got angry less when the child wetted the bed or the pants or defecated in the pants and showed a better attitude of orientation related to expected behavior.

Key-Words: enurese, mental deficiency, toilet training.

Referências Bibliográficas

- Ajuriaguerra, J. (1980). A organização do controle esfinteriano e seus distúrbios. In: **Manual de Psiquiatria Infantil**. Trad. de Paulo Cesar Geraldês e Sonia Regina Pacheco Alves. Rio de Janeiro, Masson do Brasil, 1, p. 216-278.
- Bakwin, H. (1961). Enuresis in children. **The Journal of Pediatrics**, 58 (6): 806-819, Jun.
- Barnett, D.W. (1983). Modified dry-bed training. A review critique and case study. **Journal of Clinical Child Psychology**, 12 (2). 187-191.
- Bollard, J. (1982). A 2 year follow-up of bed-wetters treated by dry-bed training and Standard conditioning. **Behavior Research & Therapy**, 20, 571-580.
- Cannell, C.F. & Kahn, R.L. (1974). Coleta de dados por entrevista. In: Festinger, L. & Katz, D. **A pesquisa na Psicologia Social**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, p. 319-364.

- Christmanson, L. & Lisper, H.O. (1982). Parent behaviors related to bed-wetting and toilet-training as etiological factors in primary enuresis. **Scandinavian Journal of Behavior Therapy**, 11 (1): 29-37.
- Doleys, D.M. & Dolce, J.J. (1982). Treino de toaleta e enurese. In: Cristophersen, E.R. **Clinicas Pediátricas da América do Norte - Simpósio sobre Pediatria Comportamental**. Trad. de Raymundo Matagão Gestera. Rio de Janeiro, Interamericana, p. 331-348.
- Finchan, F.D. & Spetell, C. (1984). The acceptability of dry-bed training and urine alarm training as treatments of nocturnal enuresis. **Behavior Therapy**, 15, (4): 388-394.
- Finley, W.W. & Wakeford, O.S. (1984). Reinforcement ratios and relapse parameters following conditioning for nocturnal enuresis: a reply to Sacks and De Leon. **Behavior Research & Therapy**, 22 (5): 591.
- Fischer, E.P. & Fisher, R.L. (1981). Parents of disturbed enuretic and non-enuretic children. **Perceptual and motor Skills**, 52 (1): 181-182, Feb.
- Halverstadt, D.B. (1976). Enuresis-Medical aspects and assessment of enuresis. **Journal of Pediatric Psychology**, 4(1): 13-14.
- Larsen, S. & Winther, B. (1980). Work conditions, social status and sex differences in primary and secondary enuresis. **Scandinavian Journal of Psychology**, 21, (1): 33-43.
- Leventhal, J.M. (1981) Enuresis. In: **Behavioral Problems in Childhood - A Primary Care Approach**. New York, Stewart Gabel, M.D., p. 195-211.
- Lovibond, S.H. (1972). Critique of Turner, Young and Rachman's conditioning treatment of enuresis. **Behavior Research & Therapy**, 10: 287-289.
- Martin, J.A.; King, D.R.; Maccoby, E.E.; Jacklin, C.N. (1984). Secular trends and individual differences in toilet-training progress. **Journal of Pediatric Psychology**, 9(4): 457-467, Dec.
- Mattheus, L.H. (1976). Toilet training: what do pediatricians know, anyway? **Journal of Pediatric Psychology**, 4(1): 7-11.
- Mowrer, O.H. & Mowrer, W.M. (1938). Enuresis - A method for its study and treatment. **American Journal of Orthopsychiatry**, 18: 436-459.
- Shaffer, D.; Gardner, A.; Hedge, B. (1984). Behavior and bladder disturbance of enuretic children: a rational classification of a common disorder. **Developmental Medicine & Child Neurology**, 26 (6) 781-792, Dec.
- Shaw, W.J. (1976). Toilet training: What do parents know, anyway? **Journal of Pediatric Psychology**, 4(1): 4-6.
- Silva, M.H.G.F. Dias (1986). **A educação dos filhos pequenos nos últimos 50 anos: a busca do melhor?** São Paulo, USP/Instituto de

- Psicologia de São Paulo, Tese (mestrado) Instituto de Psicologia da USP.
- Trombini, G.; Rossi, N.; Umilta, C.; Baccarini, C.P. (1982). Experimental stress and cystomonometric recordings of patients with primary enuresis, a preliminary report. **Perceptual and motor skills**, 54(3): 771-777, jun.
- Vidaheit, C.; Andre, M.; Bonnefoy, M.; Tridow, P. (1984). Devenir de l'enurésie chez l'adulte jeune. **Neuropsychiatre de l'enfance et de l'adolescence**, 32 (2-3) 115-118, Feb/Mar.
- Weir, K. (1982). Night and day wetting among a population of three-year-olds. **Developmental Medicine & Child-Neurology**, 24(4): 479-484, Aug.
- Wenar, C. (1961). The reliability of mother histories. **Child Development**, 32: 491-500.
- Wendorf, R.J. (1984). Family therapy with an enuretic encopretic child. **Family Systems Medicine**, 2(1): 46-52.

Psicoprofilaxia no Processo do Desenvolvimento: Uma Ação Integrada.*

*Esmeralda Aparecida Colombo Medeiros (UEL),
Zeila Cristina Facci (bolsista CNPq)
Rosane Cristina de Menezes (bolsista CNPq)
Laurene Agnes Meyer (bolsista CNPq)*

Resumo

Medeiros, E.A.C.; Facci, Z.C.; Menezes, R.C. e Meyer, L.A. Psicoprofilaxia no processo do desenvolvimento: uma ação integrada. *Estudos de Psicologia*, 9(1): - 66-88, 1992.

Este artigo tem por objetivo apresentar o trabalho que vem sendo desenvolvido com fins psicoprofiláticos no que se refere à questão do envelhecimento. Trabalhando com seis grupos, já é possível delinear um perfil sobre como a velhice é vista e compreendida por pessoas de 8 a 75 anos, além de se iniciar um processo de reflexão e mudança em relação às concepções e atitudes frente ao envelhecimento.

Palavras-Chave: Processo de envelhecimento, conceito, atitudes.

Introdução

Dimensão da Velhice como Etapa de Vida.

"Não há truques nem mágicas. Quem envelhece ativo, envelhece mais tarde". (Henriqueta Brieiba)

Existe uma preocupação constante com o processo de envelhecimento em todo o mundo.

O desenvolvimento científico-tecnológico afetou sobremaneira a longevidade humana, principalmente, neste século, onde os países desenvolvidos investem cada vez mais em suas descobertas de modo a suprimir causas que provocam morte prematura, com novas descobertas a respeito da cura de diversas doenças.

Berquó e Leite (1988) afirmam que, se, por um lado, a longevidade dos indivíduos é resultado do sucesso de inúmeras conquistas no campo social e da saúde, o envelhecimento representa novas demandas e atenções que se constituem em desafios para os governantes do presente e do futuro.

*Projeto financiado pelo CNPq, Processos nº 801665-87/6 e 821183/88-5;
Convênio CNPq/UEL/UEM; Convênio UEL/CPG nº 220460/89

O Brasil, considerado um país de jovens, vem assistindo ao aumento gradativo da população em idade avançada. Há uma projeção de que no ano 2000, 8% da população esteja na faixa etária acima de 60 anos. Hoje já está em 6,3%.

A preocupação com o prolongamento da vida e com a diminuição do índice de natalidade é saudável e relevante, mas paralelamente está havendo preocupação e/ou política com a população idosa?

Sabemos serem muitas as variáveis que interferem na condição do idoso. Perguntamo-nos: como se dá a dimensão desta etapa de vida?

A velhice pode ser definida como um conjunto de modificações, que se observam no ser humano, a nível morfológico, fisiológico, bioquímico e psicológico (Silveira e Bento, 1982). Essas modificações levam o indivíduo a verificar com mais acuidade as perdas e ganhos, sendo que sua atenção está mais voltada às perdas.

As modificações biológicas, aparecem pouco perceptíveis a princípio, mas se aceleram mais rápido do que muitas vezes se consegue acompanhar. Neste ponto Vilas Boas de Oliveira (1987) é enfático quando demonstra que o envelhecimento biológico se inicia desde a idade jovem e é progressivo. Considera haver um período essencialmente evolutivo, mas cedo as conexões biológicas iniciam falhas em suas cadeias. Não existe, é claro, uma seqüência pré-determinada. Rozestraten (1988) assinala haver uma grande diferença entre a seqüência de etapas na infância e na velhice. Enquanto a infância obedece a uma série de etapas geneticamente definidas que se seguem sistematicamente, na velhice não se constata isso. Diz ele que temos um conceito bastante claro e definido sobre o que um menino de sete anos sabe fazer; mas o mesmo não podemos dizer de um homem de 70 anos, ele pode ser presidente, um grande maestro ou um esclerosado sem memória.

Medeiros (1983) escreve: "O velho é considerado aquele que não pode mais produzir. A legislação vigente aponta os 65 anos como a idade da aposentadoria. Mesmo que o indivíduo queira continuar trabalhando, aos 70 anos existe a compulsória, que, em outras palavras o expulsa definitivamente do mercado de trabalho comum. O idoso é considerado um deficiente mental, um incapaz. Todo esse processo de marginalização não tem como marca característica uma determinada idade. Ideologicamente esse procedimento está desencadeado na sociedade e o indivíduo, psicologicamente, vai preparando-se a cada dia para, quando velho, ser visto e/ou sentir-se dessa forma. Imbuído dessa maneira de ser e pensar, o idoso desencadeia uma série de sintomas "característicos" da velhice. Bastos (1981) cita-os: intensificação dos traços de personalidade, fixação no passado, irritabilidade, rigidez, dogmatismo, desconfiança, aversão ao novo, autoritarismo, depressão, isolamento, diminuição da atividade sexual e ausência da busca de satisfações sociais. A acentuação dos traços de personalidade se refere, por exemplo, ao fato de o adulto prudente tornar-se covarde; o econômico, avaro; o exigente,

ranzinza e resmungão, etc. A exacerbação desses comportamentos se deve a uma reação de defesa contra o sentimento de perda da flexibilidade, da agilidade e da eficiência. Sob outro ângulo poderá ser visto também como resultado de uma necessidade de auto-afirmação e de individualização, que funcionaria como uma formação reativa ao desejo de estabelecer relações simbióticas com os pais da infância.

O isolamento é uma forma anestesiada de viver, pois a vivência do tempo é angustiante e qualquer projeto esbarra num limite inexorável: a morte. Assim surge a lembrança incessante do passado como defesa contra a angústia. Isso nada mais é do que a não aceitação da própria impotência atual, como forma de resgatar a potência obtida no passado. A impotência por sua vez leva à irritabilidade, rigidez, desconfiança. A ausência de atividades, resultante da aposentadoria, leva à depressão que, por sua vez, traz os comportamentos intensificados, característicos, às vezes, da própria personalidade do idoso, num período anterior dessa etapa de vida. A associação desses comportamentos exacerbados, cada vez mais acentuam o isolamento anteriormente mencionado.

Toda essa fenomenologia é calcada na ausência de um aparato psico-social, tanto do indivíduo como da sociedade, com o objetivo de trabalhar as perdas inerentes ao processo do envelhecimento. Se houvesse o preparo, o idoso elaboraria seus limites e poderia haver melhor aceitação da diminuição de trocas corpo/mundo que, apesar de limitadas, expressam o momento histórico no qual vive.

Silveira e Bento (1982) fazem uma síntese do que foi descrito quando afirmam: "é importante frisar que o envelhecimento normal não significa a ausência dos sintomas decorrentes da não aceitação dos limites, das perdas. A elaboração destas perdas, pressupõe o aparecimento prévio do desejo em sua plena onipotência. Portanto, o que se quer enfatizar como velhice normal é a atitude de flexibilidade, de oscilação constante entre a onipotência diante do desejo e a aceitação da impotência diante do inevitável, diante do limite. Pode-se entender essa dinâmica como um **processo de elaboração de pequenas mortes***. Tal processo não existe apenas na velhice, podendo mesmo caracterizar o desenvolvimento global do ser humano".

A ausência de preparação para a velhice, com a não elaboração das perdas, acarretará um aceleração da destruição da Imagem Corporal. A Imagem Corporal é o produto da vivência dual corpo/mundo e depende de como se realiza e é captada. Um indivíduo que começa a ver, no seu dia-a-dia, as marcas, ou melhor, os vincos deixados pelo tempo e não tem uma relação positiva corpo/mundo, começa a introjetar estes vincos como pedaços que lhe faltam e dessa maneira está registrando-os no campo psíquico. À medida que o indivíduo não se preparou, ou não lhe prepararam para absorver os vincos como trocas existentes entre o corpo e o mundo, essas marcas começam a corroer o que poderia existir

*Grifo dos autores

de unidade da Imagem Corporal. Essa corrosão vai gerar, infelizmente, uma grande quantidade de quadros psicopatológicos.

Neste ponto nos perguntamos: de quem é a culpa por tal processo ocorrer?

Lira (1978) parece vislumbrar um princípio de respostas quando escreve: "o envelhecimento não é uma variável única. Seria mais correto chamá-lo uma direção seguida por muitas variáveis. Devemos encará-lo como um prolongamento do desenvolvimento humano". A princípio pode parecer que nada foi respondido. Entretanto, inserirmos esta colocação num contexto onde não existe um processo educacional para a valorização do ser humano, não importando se novo ou velho.

Gaiarsa (1986) talvez complete a idéia quando escreve: "ser velho, além de um fato, é um conjunto de convenções sociais da pior espécie. Não sei o que pesa mais nos velhos, se a idéia que eles fazem de si mesmos, movidos pelo modo como são tratados, levados pela idéia tantas vezes vingativas que orientam o comportamento da maioria frente a eles".

Além do referido acima, há a considerar o aspecto projetivo, ou seja, as pessoas rechaçam o velho por ele simbolizar o espelho de seu futuro.

Todo esse processo ocorre em função de haver carência educacional, entendida esta não tem seu aspecto formal, mas sim de toda formação que cada ser humano recebe durante o processo vital.

Segundo Salgado (1982), é um aspecto grave a falta de preparação da criança para se tornar um adulto; que só fica velho mais tarde. É verdade que as formas de encarar a velhice mudam bastante, mas é evidente a rejeição aos velhos, principalmente nos grandes centros. Se o meio social é hostil aos idosos, eles próprios são igualmente hostis ao seu envelhecimento. Eles rejeitam a velhice porque não se preparam para esse tempo de vida.

Por outro lado, Fernandes (1978) coloca que a sociedade não oferece novas oportunidades aos idosos e estes, por sua vez, não compreenderam ainda que devem evoluir, mantendo-se aptos e atualizados, acompanhando as grandes mudanças por que passa o mundo.

Novamente perguntamos: no estado em que nos encontramos, é possível este acompanhamento?

Pensamos que sim, desde que haja um processo de preparação, integrado com o objetivo de se encarar tal etapa da vida. Esclarecendo, citamos Vasconcelos de Queiróz (1982), quando afirma ser a mudança da imagem da velhice, fundamental para o estabelecimento de um espaço social para esta categoria etária. Este movimento de mudança parece-lhe ser eficiente e efetivo, se acontecer simultaneamente nos dois sentidos: idoso-sociedade.

Sob este prisma foi proposta esta pesquisa, tendo por objetivos:

1. mobilizar a comunidade para o que é a velhice e suas implicações;
2. levantar dados de vivência desta etapa de vida junto aos velhos, adultos, adultos jovens, adolescentes e crianças;
3. atuar junto a esses grupos etários, objetivando mudança de percepção do idoso em relação a si e dos demais em relação a ele;
4. levar os indivíduos, idosos ou não, à reflexão e percepção do que é velhice, e, conseqüentemente, ao dimensionamento do seu espaço social e psicológico na sua velhice.

Metodologia

Sujeitos:

1. Grupo Ia (8 a 11 anos): 6 sujeitos do sexo feminino, de nível sócio-econômico médio-alto. Estudantes de uma escola particular de 1º e 2º grau na cidade de Londrina, na faixa etária de 8 a 9 anos.

2. Grupo Ib (8 a 11 anos): 8 sujeitos, sendo 6 do sexo feminino e 2 do sexo masculino, de nível sócio-econômico predominantemente médio-baixo. Estudantes de uma escola pública estadual, na faixa etária de 8 a 10 anos.

3. Grupo II (12 a 17 anos): 5 sujeitos do sexo feminino, de nível sócio-econômico médio. Estudantes do 2º grau de uma escola estadual e particular, na faixa etária de 14 a 17 anos.

4. Grupo III (18 a 30 anos): 6 sujeitos, sendo 5 do sexo feminino e 1 do sexo masculino, de nível sócio-econômico médio. Estudantes dos cursos de Psicologia e Serviço Social da UEL, na faixa etária de 18 a 23 anos.

5. Grupo IV (31 a 49 anos): 4 sujeitos, sendo 3 do sexo feminino e 1 do sexo masculino, de nível sócio-econômico médio-alto, profissionais atuantes em suas especialidades.

6. Grupo V (a partir de 50 anos): 6 sujeitos do sexo feminino de nível sócio-econômico médio-baixo, frequentadores do grupo de idosos do SESC. Aposentadas, na faixa etária de 53 a 75 anos, (apenas uma vive ainda com o parceiro conjugal).

As características dos 6 (seis) grupos têm se mantido uniformes, a saber: escolaridade, nível sócio-econômico e cultural, constituição familiar de pai, mãe e um ou mais irmãos pertencentes à sociedade da cidade de Londrina - Pr.

A priori pode parecer ao leitor que a constituição do grupo V é muito abrangente (acima dos 50 anos) em função das realidades serem distintas. Entretanto, em nossa experiência em trabalhos efetuados com

grupos no SESC de Londrina, esta diferenciação experiencial, por idades, tão distintas, não tem sido marcada com rigor que possa diferenciá-las.

Recursos Humanos:

Duas bolsistas de Iniciação Científica (I.C.), alunas do 4º e 5º anos do curso de graduação em Psicologia da UEL e uma bolsista de aperfeiçoamento (graduada em Psicologia), atuando junto à coordenação dos grupos descritos no item "A".

Recursos Materiais:

- Carta convite para recrutamento dos sujeitos.
- Ficha de Identificação.
- Técnica de Aplicação para D.F.H.
- Questionário para D.H.F.
- Inventário Sheppard.
- Escala Diferencial Semântica.
- Sulfites, lápis, borrachas, cartolinas, revistas, colas, tesouras, canetas, canetinhas, mesas, cadeiras, colchonetes, gravador, fitas de música, espelhos, slides, filmes, video-tape, giz, quadro-de-giz, apagador, roupas e acessórios para teatro.

Local de Realização:

O grupo Ia mantém seus encontros em uma sala de aula na escola em que os participantes estudam.

O grupo Ib encontra-se na escola em que seus membros estudam, mas sem espaço definido, sendo que as reuniões se realizam no pátio ou no refeitório da escola, em função de a instituição não dispor de espaço físico determinado.

Os encontros dos grupos II e III ocorrem em salas da UEL.

Os encontros do grupo IV acontecem em uma sala de aula de uma escola particular.

O grupo V reúne-se em sala cedida pelo SESC - Londrina.

Material e Coleta de Dados:

- Uma das técnicas que está sendo utilizada é a do Desenho da Figura Humana de Machover, que possibilitará obter dados que propiciem as comparações das configurações de Imagem Corporal nos diferentes grupos (Medeiros, 1988).

Esta técnica foi aplicada no contato inicial e foi reaplicada a intervalos de um ano, a todos os sujeitos.

- Outro material de coleta é o "Inventário de Atitudes em relação à Velhice" construído por Sheppard, em formato Likert, tendo por base uma noção multidimensional associada à de qualidade (positiva e negativa) das atitudes (Neri, 1988).

Juntamente com o inventário de Sheppard foi aplicado o instrumento "Itens da Escala Diferencial Semântica avaliando os conceitos "o velho é" e "Quando eu ficar velho eu serei", que enfatiza a função mediacional e a natureza associativa do significado (Neri, 1988).

Estes dois instrumentos também foram aplicados no contato inicial e reaplicados a intervalos de um ano, a todos os sujeitos.

- A terceira forma de coleta dos dados consistiu em promover discussões grupais, utilizando a técnica de "role-playing", abordando os seguintes aspectos, mas não necessariamente de forma hierárquica:

- aspectos bio-psíquico e sociais da velhice e suas implicações;
- aposentadoria;
- interesses e aspirações;
- espaço social do idoso;
- demais aspectos que surgirem nas discussões e que sejam relativos à velhice.

Os dados obtidos nas discussões grupais são mantidos em Registro de cada Encontro.

Plano de Análise dos Dados:

- Todo o material coletado pela técnica de Machover (Desenho da Figura Humana) foi analisado através de comparações quantitativas (tabelas, gráficos e quadros), inter e intra-grupos, aplicando-se tratamentos específicos, com o objetivo de levantar dados que detectem características específicas sobre a Imagem Corporal nos diferentes grupos.

- Com os resultados obtidos nos questionários "Sheppard" e "Diferencial Semântica" foram montados quadros, tabelas e gráficos que possibilitarão o cruzamento com o material do D.F.H. (constantemente de relatórios enviados ao CNPq e por serem muitos, nos resultados apresentar-se-á apenas dos mesmos).

- Com os registros das discussões mantidas nos diferentes grupos foram construídas tabelas, gráficos e quadros que permitem a percepção compreensiva que cada grupo possui do "velho" e da "velhice", o que permite cruzar com os dois resultados anteriores.

- Todas as respostas a esses instrumentos foram classificadas em categorias comuns para possibilitar os cruzamentos.

- Para cada grupo etário foi montada uma listagem de características que descrevem a percepção de velho que possuem.

Resultados

Apresentar-se-ão os resultados por grupo no que se referir aos três instrumentos aplicados e quanto ao material produzido nas discussões grupais (temas discutidos), os quais aparecerão em uma descrição listada posteriormente.

Para a eleição das características do Desenho da Figura Humana, considerados comuns ou frequentes, utilizou-se o critério determinado por Lourenção Van Kolck (1966), propiciando assim diagnóstico de personalidade, diferenciado, nas diversas faixas etárias.

Para chegar a essa categorização, fez-se necessária a aquisição de critérios que garantissem uniformidade do trabalho e principalmente que fornecessem dados objetivos.

Lista-se a seguir os critérios para essa categorização, segundo Lourenção Van Kolck (1966).

- No caso de 2 alternativas ou itens: até 1% - muito raro; até 10% - raro; até 30% - pouco comum; e acima de 30% - comum

- No caso de 3 a 5 alternativas ou itens: até 1% muito raro; até 8% raro; até 25% - pouco comum; e acima de 25% - comum

- No caso de 6 a 9 alternativas ou itens: até 0,6% - muito raro; até 6% - raro; até 15% - pouco comum; e acima de 15% - comum

- No caso de 10 ou mais alternativas ou itens: até 0,5% - muito raro; até 5% - raro; até 10% - pouco comum; e acima de 10% - comum.

A partir dessa categorização dos itens comuns em cada grupo, fez-se uma eleição para a análise qualitativa de até 15 itens mais relevantes, em relação aos objetivos da pesquisa. Para tal eleição, considerou-se os aspectos de maior peso em relação à imagem corporal e significância etária, bem como a frequência dos itens (presentes em acima de 60% dos desenhos).

Grupo Ia

Partindo-se do critério estipulado para eleição dos sinais comuns, 12 itens foram determinados como mais relevantes neste grupo, São eles:

01. localização da figura no 4º quadrante;
02. tamanho pequeno das figuras;
03. linha grossa e traço contínuo;
04. figuras mais jovens que o autor;
05. presença de paisagens e outras figuras;
06. indicadores de conflitos: correções;
07. figuras do próprio sexo em primeiro lugar;
08. tratamento diferencial das figuras-caso misto;

09. tronco: formato normal, quadrangular/trapezoidal, linhas angulosas;

10. ombros proporcionados;

11. braços curtos, em uma só linha, voltados para cima ou estendidos para o ambiente.

12. pernas: uma só linha, finas, longas e ocultas em trajés.

Nos instrumentos "Sheppard" e "Diferencial Semântica", foram obtidas respostas de tendência central e positivas, quanto aos aspectos da velhice e do desenvolvimento.

Grupo Ib

Os itens considerados comuns, utilizando-se os critérios anteriormente descritos, são 10 a saber:

01. localização do desenho no centro e na metade esquerda da folha;

02. figura de perfil - frente;

03. ausência de linha de solo;

04. indicadores de conflitos: correções e retoques

05. figura do mesmo sexo desenhada em primeiro lugar;

06. cabeça grande;

07. ombros desproporcionados;

08. omissão das mãos;

09. pernas finas e ocultas em trajés;

10. braços voltados para trás ou estendidos para o ambiente.

Na análise de "Sheppard", pôde-se observar uma maior tendência a respostas positivas e centrais (demonstrando neutralidade a respeito de tais aspectos), mas também algumas respostas negativas, como: a juventude como máximo da satisfação, velhice como sendo improdutiva, sexualidade na velhice, dificuldade de pensar na própria morte, que a vida oferece pouco aos velhos e a redução da responsabilidade na velhice.

Para o "Diferencial Semântica", os sujeitos apresentaram respostas positivas no tocante à velhice e seus aspectos no desenvolvimento.

Grupo II

Para o desenho da Figura Humana, através dos critérios pré-determinados, levantou-se 10 itens como relevantes para o grupo. São eles:

01. desenho localizado no primeiro quadrante da folha;

02. desenho de tamanhos médio e pequenos;

03. figuras de perfil-frente;
04. pequena diferenciação entre as figuras masculina e feminina;
05. olhos grandes, médios e pequenos, fechados, com pupila, sem sobrancelhas e com sobrancelhas finas e bem cuidadas, com e sem pestanas, com sombreamento, reforço, correção, borradura ou retoque no contorno ou no interior dos mesmos;
06. cadeiras-nádegas proporcionadas, com presença na figura feminina, desenhada por mulheres;
07. ausência de indicação da região genital;
08. pés grandes e médios, com sapatos sem detalhes, com sombreamento ou borradura, figura na ponta dos pés, pés de perfil, com sombreamento, borradura, correção, reforço ou retoque no contorno ou no interior dos mesmos.
09. traje comum completo, com decote acentuado, presença de babados, com vinco na calça, com sombreamento na blusa, saia ou calça, da barra da calça ou calça, acentuação dos limites e margens da roupa, contorno duplo, roupa muito bem cuidada em figura de auto-conceito, presença de botões, de bolso e de botões como linha mediana;
10. abundância e presença moderada de pormenores e ausência de acessórios.

Na análise dos instrumentos "Diferencial Semântica", percebeu-se uma tendência grupal de equilíbrio na emissão das respostas, com alguns "picos de positivismo", tais como: carinhosas, cheias de dignidade e interessadas.

No "Sheppard", também pôde-se sentir a tendência à resposta central, aparecendo ainda "pico", referente à frase: "espero me sentir bem a meu respeito, independente da idade".

Grupo III

Para o Desenho da Figura Humana foram eleitos 11 itens como mais significativos para o grupo, aplicando-se o critério descrito anteriormente. São eles:

01. localização da figura desenhada: centro, metade superior da folha e esquerda;
02. desenhos muito grandes e grande;
03. presença de linha mediana;
04. linhas médias com traços tipo avanço-recuo;
05. indicadores de conflito: correções, retoques e sombreamento;
06. cabeça muito grande e média;

07. cabelos médios e compridos, abundantes e bem cuidados;
08. nariz grande ou médio;
09. tronco normal, com linhas angulosas ou omissão de tronco;
10. ombros grandes;
11. cintura pequena ou apertada.

Da análise do "Sheppard", obteve-se predominância de respostas que se referem a aspectos positivos da velhice, enquanto que no "Diferencial Semântica", houve equilíbrio entre respostas positivas e neutras.

Ainda no "Sheppard" apareceu, no grupo, a existência de "sentimentos de apreensão ao pensar na própria velhice", e o crédito de que "é melhor morrer cedo do que enfrentar a velhice nessa sociedade".

Grupo IV

Para este grupo, não serão apresentados resultados quanto aos instrumentos: Desenho da Figura Humana, Diferencial Semântica e Sheppard, em função do mesmo ter solicitado que houvesse interrupção no ano de 91. Pode-se dizer que, de modo geral, o grupo começou a demonstrar, a partir da metade do segundo semestre/90, certa desmotivação e desinteresse pelo mesmo. Faltas individuais ou coletivas passaram a ser frequentes, as quais não eram justificadas com antecedência, na maioria das vezes. Diante de tais observações, a coordenadora do grupo questionou seus elementos a respeito dos motivos que os estavam levando a faltarem tanto e mostrarem-se desmotivados, e eles se referiram ao baixo número de participantes, bem como a alguns eventos externos pessoais. Após estes esclarecimentos, os membros do grupo entraram num consenso de que este deveria ser encerrado e dado início a um novo grupo mais fortalecido em termos de participantes, no ano seguinte.

Grupo V

Neste grupo, 13 itens foram levantados como relevantes, e são delineados a seguir:

01. localização do desenho no 4º quadrante;
02. tamanho pequeno dos desenhos;
03. figuras mais jovens que o autor;
04. linha média ou grossa e traço contínuo;
05. ausência de linha de solo;
06. resistência para desenhar;
07. indicadores de conflito: correções, retoques, borraduras, reforço de linha, sombreamento;
08. cabeça muito grande ou grande;

09. rosto com acentuação de traços fisionômicos;
10. olhos grandes e sobrancelhas cuidadas;
11. ombros pequenos;
12. braços longos ou médios, finos ou proporcionados na espessura, voltados para cima ou um para cima e um para baixo, sombreadamento;
13. pernas finas ou proporcionadas.

Tanto para o "Diferencial Semântica" como para o "Sheppard" as respostas foram positivas ou de tendência central.

No tocante ao material produzido nas discussões grupais/semanais, listar-se-ão os temas abordados pelos grupos, a saber:

Grupo Ia - sabedoria, morte, diferença entre o "velho da rua" e o "velho avô", namoro dos velhos, velho louco, asilo, solidão, aposentadoria, doença, o que é velhice, características de pessoas velhas.

Grupo Ib - aposentadoria, asilo, processo de envelhecimento, doenças, coisas que o velho faz, respeito pelos velhos, como é o velho, afetividade;

Grupo II - "mecanicismo" (ser robôs), "corpo-cartão de visitas", perdas, desenvolvimento humano, opinião sobre o velho em diferentes faixas etárias, morte, estereótipos, atividades na 3ª idade, publicidade e propaganda, desenhos animados, reaprendizagem, preocupação sócio-político-cultural, drogas, interiorização e atuação.

Grupo III - sexualidade, sexualidade na velhice, imagem corporal, o corpo velho, mudança de valores, velho jovem, própria velhice.

Grupo IV - depressão, dependência, sexualidade, morte.

Grupo V - relacionamento com netos, aposentadoria, velho, imagem corporal, saúde, velhice, independência, velhos aproveitadores, solidão, reminiscências, parceria, discriminação do idoso, asilo, depressão, morte.

Em resumo, os dados nos mostram que numa análise intragrupal, verifica-se que o grupo I traz para discussão suas imagens de velhos, construídas através de suas experiências familiares, o grupo II traz suas imagens de velhos, resultantes de relações e percepções sociais mais amplas. O grupo III mostra níveis de reflexão e elaboração bastante consistentes, mais próprio da etapa que vivencia. No grupo IV houve níveis elevados de intelectualização e projeção, completados por mecanismos defensivos que dificultam o desenvolvimento da tarefa de reflexão em relação à velhice. Por outro lado, o grupo V tem um funcionamento

particularizado, onde se estabelece um vínculo afetivo e suportivo, na medida que para eles, a vivência da velhice é real.

Discussão

Grupo Ia

Após a análise das respostas obtidas nos instrumentos "Shepard" e "Diferencial Semântica", pudemos observar grande tendência grupal a respostas positivas quanto aos aspectos da velhice e do desenvolvimento. Aquelas não positivas, tendem a ser respostas centrais, demonstrando neutralidade a respeito de tais aspectos.

Várias hipóteses podem ser levantadas para explicar essas tendências positivas e centrais das respostas. A primeira delas, e talvez a mais importante, é a influência da aplicadora. Por mais que se tente manter uma postura de neutralidade, a aplicadora influencia os membros do grupo, até nas suas atitudes; e nesse grupo isso é muito relevante, devido a imagem representativa da aplicadora, por estar trabalhando com crianças.

Ainda na aplicação dos instrumentos citados acima, a aplicadora precisou esclarecer dúvidas a respeito do significado de algumas palavras que eram desconhecidas pelos membros do grupo, e para se fazer entender foram necessárias explicações detalhadas e não apenas respostas através de sinônimos. Através das discussões iniciais, pôde-se comprovar que o tipo de velho conhecido desse grupo, é um velho especial, representado pelos avós. Porém, o avanço, nesse processo, fez com que as crianças deixassem transparecer o grande medo que essa fase da vida lhes causa. Isso fica bastante claro, quando elas discutem a velhice relacionada com a doença, a degeneração, a depressão, a pluropatologia e a definem como "vida para a morte". Com o desenrolar dessas discussões, pôde-se observar a mudança na percepção do velho, ocorrida com aquelas crianças. Passaram de uma condição de falta de conhecimento e negação a respeito do tema, para um processo depressivo, pois tiveram contato com uma questão que até então não fora explorada por eles.

Esse processo depressivo é necessário para que a criança tome conhecimento da condição de vida do velho (não só "velho especial"), e possa se deparar com a realidade da morte, não sendo a velhice a única causa desta.

Ao analisarmos o desenho da figura humana desse grupo, pudemos constatar uma grande dificuldade de adaptação de seus indivíduos ao ambiente, sentindo-o como ameaçador, desejando retornar ao passado e/ou permanecer absorto na fantasia. Uma explicação a toda essa

inquietação dos lutos infantis (perda do corpo, dos pais, da posição de criança) pela qual se atravessa. Essa fase de elaboração de lutos poderá facilitar a elaboração da morte, havendo assim uma mudança de percepção da criança em relação a esta, levando-a a perceber que é um ser que irá se desenvolver, com perdas e ganhos.

Pôde-se concluir que foi perceptível o crescente envolvimento do grupo com a tarefa de reflexão e discussão sobre a velhice e o envelhecimento. Nos primeiros encontros, houve uma tendência do grupo em pensar na velhice como algo especial, enigmático e pouco conhecido. A partir de muitos questionamentos, percebeu-se que esse "velho especial" era também doente, louco. Assim, gradativamente foi aparecendo o velho desconhecido, o "velho da rua" que representa a fase de degeneração física e psicológica do desenvolvimento humano, fazendo com que as crianças tenham muito essa etapa da vida, que elas próprias definem como "vida para a morte". Essa mudança de percepção levou o grupo a momentos depressivos, que foram essenciais, pois, a partir do trabalho e manejo da coordenadora, tornou-se possível uma reflexão mais acurada sobre o assunto "velhice". De um modo geral, o grupo se caracterizou por uma intensa participação, com um nível de questionamento muito bom, e que pôde demonstrar o interesse dos sujeitos pelo assunto a que se propôs trabalhar, quer seja a velhice ou o envelhecimento.

O vínculo positivo formado entre os membros do grupo foi muito bom, assim como o vínculo estabelecido com a coordenadora, caracterizando-se por: permissividade, respeito, centralização na tarefa, o que puderam ser vetores determinantes de uma aprendizagem global e particularizada (nível pessoal) sobre o envelhecimento e a velhice. Mesmo que o movimento grupal em relação ao tema ocorra de maneira "lenta", pois obedeceu ao ritmo de cada elemento do grupo e, poderá denotar uma maior aproximação e vivência do assunto, sem que "violente" o espaço e o tempo vital de cada membro formador e participante do grupo de crianças.

Grupo Ib

Através das discussões, pôde-se perceber que o grupo, desde o início, demonstrou algum conhecimento a respeito dos temas relacionados à velhice, pois mostraram conhecer não somente o velho avô, próximo, acessível, carinhoso e saudável, como também o velho mais distante, que está nas ruas, na vizinhança, que frequentam os mesmos lugares. Esse contato com a realidade da velhice pode ser decorrente de a maioria dos membros pertencer a uma classe sócio-econômica média baixa, onde o relacionamento entre estas pessoas é mais frequente, bem como o reconhecimento do velho como uma pessoa produtiva, pois nesta classe social é preciso trabalhar para sobreviver.

Apesar da distância que as crianças se encontram com relação à velhice, notou-se preocupação, medo e recusa quando se trata de pensar no processo de envelhecimento. Através das discussões, ficou clara a dificuldade de separar o jovem do adulto e o adulto do velho, bem como a dificuldade de pensar no próprio desenvolvimento e tomada de consciência de que também ficarão velhos.

Ao analisarmos o desenho da figura humana, desse grupo, pôde-se constatar uma grande necessidade de contato social e a dificuldade de estabelecer esse contato que é percebida através de sentimentos de insegurança, insatisfação e introversão, bem como fantasias relacionadas a afetividade e ao passado, o que as torna centradas em si mesmas e auto-dirigidas. Essa dificuldade de estabelecer contato social pode estar ligada à classe econômica a que a maioria dos membros do grupo pertencem, por ser discriminada e marginalizada. Há também uma necessidade de controlar a expressão de impulsos agressivos e hostis, o que é dificultada por atitudes primitivas, aparecendo não só nos desenhos, como na relação grupal e interpessoal. Essa relação interpessoal tanto é criança-criança, como criança-coordenadora, o que foi possível perceber através das discussões surgidas nos grupos, diálogos e desenhos com traços e temas agressivos dirigidos à coordenadora.

Após análises das respostas obtidas no instrumento "Diferencial Semântica", pudemos observar grande tendência grupal a respostas positivas, quanto aos aspectos da velhice e do desenvolvimento.

No instrumento "Sheppard", pudemos observar uma maior tendência a respostas positivas e centrais (demonstrando neutralidade a respeito de tais aspectos), mas também algumas respostas negativas como: a juventude como máximo de satisfação; velhice como sendo improdutivo; sexualidade na velhice; dificuldade de pensar na própria morte; que a vida oferece pouco aos velhos e a redução de responsabilidade na velhice, resultado este mais similar aos relatos das crianças nas discussões em grupo.

Uma hipótese que pode ser levantada para explicar essas tendências positivas e centrais das respostas é, mais uma vez, a influência do aplicador. Por mais que se tente uma postura neutra, o aplicador influencia os membros do grupo, até nas suas atitudes, principalmente quando se trata de crianças.

Quanto às respostas negativas, estas podem ter um significado qualitativamente positivo, no sentido de que representam um afrouxamento das resistências e negações, transmitindo uma imagem mais próxima da realidade que as crianças possuem e representam.

Resumindo: os primeiros encontros tiveram como objetivo informar as crianças a respeito do trabalho a ser desenvolvido e a integração dos grupos, dado que as crianças vinham de salas de aula diferentes, além de serem um grupo heterogêneo quanto a classe sócio-econômica e cultural. Apresentava-se bastante solto e disperso, e alguns dos mem-

bros, por várias vezes, mostraram-se sem limites e desinteressados pelas discussões, parecendo não saber bem o motivo que os mantinha ali. Nos primeiros encontros a coordenadora, por várias vezes, repetiu o objetivo do trabalho, assim como as normas grupais: contrato, justificativa de faltas, etc. Neste período houve desligamento de muitas crianças. É importante ressaltar que os encontros ocorriam em horário de funcionamento da escola, durante a aula de fixação, motivo pelo qual algumas crianças se interessaram em participar do grupo.

A dinâmica grupal presente nos encontros iniciais, liga-se à estrutura da escola que se caracteriza por certo grau de desorganização, tanto a nível de sala de aula como a nível administrativo. Outro fator relacionado a esse funcionamento grupal é a pouca experiência das crianças em trabalho de equipe e também o fato de não terem um espaço definido para a realização dos encontros. As muitas interferências que ocorriam, durante as reuniões (interrupções causadas por outras crianças e funcionários da escola) colaboraram para a falta de concentração do grupo nas tarefas.

Através do trabalho com o grupo pôde-se perceber um crescimento deste em relação a: colaboração, organização, respeito, interesse, sentimento de pertencer e compreensão a respeito dos temas propostos. As crianças passaram a participar mais ativamente das discussões, dando exemplos e estabelecendo relações com experiências pessoais, além de darem sugestões a respeito do funcionamento do grupo.

Grupo II

Durante as discussões surgidas nos encontros do grupo, pôde-se observar o deslocamento do eixo de análise até então adotado, ou seja, passou-se por um período onde somente o "social" era abordado. A imagem do velho era reproduzida daquela existente nos meios sociais e, se propunha "idéias mágicas" para alterar o quadro existente. Sendo assim, foi possível fazer com que o velho, até agora, apenas social, começasse a se aproximar de cada um, dentro dos limites e tempos individuais. Portanto, houve um movimento grupal no sentido de se abordar aspectos sociais e pontear para o pessoal, necessitando-se para isso de momentos de profunda reflexão. Durante esse tempo de reflexão, instalaram-se no grupo, momentos depressivos, acentuados por um trabalho corporal no qual deparava-se exatamente com as limitações, passagens que o próprio corpo já apresentava, embora etariamente novo. Nesse momento, houve preocupação grande por parte da coordenadora, em decorrência do trabalho corporal proposto e, pelo estado depressivo do grupo em função do período de adolescência no qual se encontram, onde a perda e luto pelo corpo infantil é muito grande e ainda em elaboração, podendo assim, acentuar a dificuldade em se perceber enquanto pessoa que já envelhece.

Por outro lado, com o suporte proporcionado pela coordenadora, houve uma elaboração dessa dificuldade em um aprofundamento no nível das discussões, culminando nas reuniões realizadas conjuntamente com o grupo III (adultos-jovens), onde pôde-se confrontar de maneira real as diferenças existentes e específicas de cada faixa etária, muito embora façam parte de um mesmo contínuo, denominado desenvolvimento humano.

Através da análise do desenrolar do trabalho e o caminhar do grupo, ficou nítido o crescimento do mesmo, amplificação do entendimento dos objetivos propostos pelo trabalho, pertinência muito grande, o que levou a promoção de um possível deslocamento do eixo de discussão abordado até o presente.

A partir do momento que se manteve fixo o número de participantes (5), e respeito ao enquadre estabelecido, percebeu-se que o grupo passou a apresentar uma coesão e vínculo grupal maior que no semestre anterior. Esse compromisso com o trabalho se deu e ocorre em todos os sentidos, quer seja com os demais participantes, coordenadora e objetivos propostos. Essa vinculação grupal funcionou para que o grupo se fortalecesse, ao mesmo tempo que passou a apresentar uma postura fechada, ou seja, não querendo dividir o trabalho com possíveis interessados em participar. Entretanto, com o próprio desenrolar, desenvolver e crescer grupal, criaram-se condições para trabalhar e assinalar essa questão, levando o grupo a assumir uma maleabilidade e mobilidade até então negadas.

Assim, com a entrada de um novo participante, o grupo teve e deu suporte para que o trabalho continuasse a caminhar em termos de "produção", discussão, etc., muito embora tenha desequilibrado o grupo nas relações já estabelecidas e mantidas até o momento, mas atualmente não se encontra nenhum problema nessa relação.

A partir daí, o grupo demonstrou um compromisso, vinculação e respeito muito grande pelo trabalho do qual participava.

Os participantes demonstraram um crescimento e desenvoltura muito capciosa quer seja, na esfera individual e grupal; o que tornou-se aclarado pela participação maciça, assídua e "animadora" dentro dos grupos de discussão.

O "volume" de assuntos a serem abordados cresceu, diferenciou e ampliou a cada encontro realizado, com propostas de atividades oriundas das próprias participantes.

Todos esses aspectos, além de outros mais, fizeram com que a coordenadora se sentisse muito estimulada em continuar trabalhando com esse grupo, que apresentou muitas condições para caminhar crescendo cada vez mais.

Grupo III

Através da análise dos resultados obtidos no instrumento "Sheppard", verificou-se a predominância de respostas que se referem a aspectos positivos da velhice, enquanto que no instrumento "Diferencial Semântica", houve equilíbrio entre respostas positivas e neutras.

Este perfil, predominantemente positivo da velhice, pode estar ligado a uma idealização da mesma, ou ainda a uma necessidade do grupo em transmitir uma imagem não preconceituosa sobre o tema. Pode-se dizer que essa necessidade se relaciona à fantasia dos participantes de que uma caracterização negativa do envelhecimento não seria bem vista pela coordenadora e seu grupo de pesquisa. O pouco vínculo entre o grupo e a coordenadora no momento da aplicação dos instrumentos (nos encontros iniciais) reforça a hipótese acima discutida.

A forte tendência a respostas positivas, no instrumento "Sheppard", associa-se ao caráter de idealização da própria velhice, à medida em que este instrumento tem um cunho projetivo. É interessante assinalar que este instrumento "Sheppard" revelou a existência, no grupo, de "sentimentos de apreensão na própria velhice", e o crédito que "é melhor morrer cedo do que enfrentar a velhice nessa sociedade". Estes dois aspectos sustentam toda a discussão do presente trabalho até aqui desenvolvida, demonstrando que existem no grupo medos e negativismo em relação à velhice e ao envelhecimento, sendo extremamente positivo o aparecimento dos mesmos, demarcando o afrouxamento das resistências em entrar em contato com seus reais sentimentos e pensamentos. Ao longo dos encontros semanais, o grupo pôde dividir suas angústias, através de discussões e atividades que trouxeram à tona medos, anseios, dúvidas e questionamentos referentes aos aspectos do envelhecimento. Um ponto interessante a ser ressaltado, que emergiu intensamente nas discussões, é a incomodação causada no grupo pela imagem do "velho jovem", aquele feliz, repleto de energia. O incômodo é fruto de uma sensação grupal de um momento presente mal vivido, uma juventude pouco vivenciada. Tal momento depressivo é qualitativamente muito importante, instaurando um repensar em suas vidas e modaldidade de relação. Esta situação é de alta significância para o trabalho, indo de encontro a seu caráter educativo e psicoprofilático.

É ainda possível tecer uma análise entre a síntese interpretativa proveniente dos desenhos e os temas desenvolvidos nos encontros semanais. Ficou bastante marcante nos desenhos, assim como nas discussões, a existência de conflitos relacionados à área corporal, envol-

vendo aí a questão de sexualidade. Neste sentido, o grupo procurou trabalhar com essas questões enfatizando suas histórias de vida até o momento presente, assim como fazendo projeções para a velhice, e uma análise destas questões em relação ao processo de envelhecimento. O grupo aprendeu a importância da integração mente-corpo, repensando sua atuação corporal no mundo, e sua sexualidade. Perceberam que, desta forma, poderão ter essas questões mais claras na velhice. Há ligações também entre o ponto acima abordado, o incômodo face ao "velho jovem" e o predomínio de sentimentos de insatisfação, imaturidade emocional, inadequação e satisfação na fantasia (detectados nos desenhos).

Esta pequena caracterização do contexto afetivo do grupo parece fundamentar as colocações relativas a sentimentos de uma juventude pouco "vivenciada", existindo o temor de um tempo de velhice em que se olhe para trás com pesar pelo que "não se fez".

Pode-se afirmar que seja importante fazer aqui algumas considerações a respeito da constituição deste grupo.

No semestre anterior, o grupo de jovens era constituído efetivamente por 8 pessoas, das quais 3 mantiveram-se participantes neste semestre, havendo portanto 5 desistências. Assinala-se que apenas um dos desistentes cumpriu o contrato (em parte), comunicando sua saída à coordenadora, sendo que na realidade o combinado era a comunicação ao grupo. Estas pessoas que se desligaram do trabalho sentiam-se inclusive constrangidas ao encontrar a coordenadora e demais participantes do grupo, não conseguindo assumir sua postura (desejo) de separação.

Ao que parece, os desistentes vivenciaram um conflito: a dificuldade de darem continuidade ao processo de reflexão iniciado, e o desejo do desenvolvimento com o mesmo.

É possível que tenha ocorrido falha a nível de coordenação, a fim de reprimir um pouco o processo depressivo vivenciado pelo grupo, para que o trabalho não fosse encarado tão difícil, desgastante.

Logo no início do semestre, houve o ingresso de 3 pessoas no grupo, por convite de antigos participantes. Foi encarado como muito positivo o fato dessas novas pessoas serem estudantes de outra área que não a Psicologia (Serviço Social). Realmente a maior heterogeneidade do grupo favoreceu o andamento da tarefa, colaborando para um clima grupal mais ameno, reflexivo, mas não tão introspectivo/depressivo.

O vínculo do grupo estabeleceu-se de forma positiva e afetiva, as pessoas mostraram-se envolvidas não apenas com seu contato grupal, mas também com a questão ampla da velhice e com a proposta geral da pesquisa da qual fazem parte.

É interessante notar o quanto maior grau de maturidade e envolvimento da equipe de pesquisadores parece refletir positivamente no funcionamento dos grupos.

Grupo IV

É pertinente para este momento fazer algumas colocações referentes à dinâmica deste grupo.

De modo geral, o grupo começou a demonstrar, a partir da metade do segundo semestre de 1990, certa desmotivação e desinteresse pelo mesmo. Faltas individuais ou coletivas passaram a ser frequentes, as quais não eram justificadas com antecedência, na maioria das vezes. Diante de tais observações, a coordenadora do grupo questionou junto aos seus elementos os motivos que os estavam levando a faltarem tanto e mostrarem-se desmotivados, e os motivos priorizados por estes referiram-se ao baixo número de participantes, bem como a alguns eventos externos pessoais.

Após estes esclarecimentos feitos, os membros do grupo entraram em consenso de que este deveria ser encerrado e criado um novo grupo mais fortalecido em termos de participantes, no ano seguinte.

Frente à dinâmica e movimentos estabelecidos por este grupo no que tange à frequência de seus participantes, evidenciou-se a ocorrência de um desestímulo e desmotivação crescentes, que contribuíram para uma "desistência coletiva" de seus membros.

Apesar desse desestímulo e desmotivação terem sido associados pelos membros ao baixo número de elementos no grupo, acredita-se que, na verdade, o que ocorreu foi uma grande dificuldade para a expressão de sentimentos e discussão de assuntos relativos à velhice e ao processo de envelhecimento, uma vez que grupos de outras faixas etárias e com o mesmo número de participantes não enfrentaram problemática semelhante.

Estas dificuldades parecem estar relacionadas a alguns valores e preconceitos arraigados a estas pessoas, como por exemplo, quanto à questão sexual do velho, da queda de produtividade e da decadência biológica e física, dentre outros.

Buscou-se, portanto, no segundo semestre de 1990, manejar o grupo de forma a propiciar a quebra destes preconceitos e de defesas que estivessem dificultando diretamente os membros a visualizarem a velhice como fase do desenvolvimento humano, que, como qualquer outra, envolve muitas perdas (simbólicas ou reais), mas também vários ganhos. Contudo, o meio escolhido (trabalho corporal) para que estas defesas e estereótipos fossem trabalhados, apesar de adequado, promoveu uma desintelectualização do grupo, propiciando maior envolvimento com o tema em questão (velhice). É possível que não tenha sido introduzido no momento certo, pois diante da proposta de se trabalhar o próprio corpo, os sujeitos defrontaram-se com um grupo que passa por transformações constantes e que sofre frequentes mutações, no que se refere ao processo de desenvolvimento e conseqüente envelhecimento humano. Acredita-se, portanto, que estas pessoas sofreram um "choque" ao terem

sido convidadas a observarem seus corpos e ao perceberem que não estão mais tão jovens. Esta percepção parece ter emergido grande desconforto frente ao próprio corpo e medo de pensarem no corpo do velho, por estarem "a um passo dele". Além disso, esse corpo velho culmina em fortes sentimentos de inferioridade, menos-valia e degeneração, desembocando no que mais assusta as pessoas: na morte. Este é mais um fato que parece ter contribuído para que tal grupo recuasse, pois caso contrário provavelmente mergulharia em intensa depressão. Hipotetiza-se ainda que os participantes deste esperavam uma maior exposição pessoal da coordenadora quanto aos temas discutidos, e que em função da não ocorrência explícita de seu posicionamento e do modo como encara a velhice, sentiram-se frustrados já que a relação estabelecida pendia para uma exposição unilateral. Tal frustração pôde também ter contribuído para o término do grupo. Esta hipótese está respaldada em pedidos verbais feitos à coordenadora como: "Agora é a vez de dizer o que acha, nós já falamos muito..." "E você, concorda com isso ou não? Fala pra gente o que você pensa...". Por outro lado, esta hipótese pode ser reforçada ao se observar a frequência de faltas no grupo, o que já foi apontado no princípio da discussão.

Porém, as solicitações verbais referidas não foram atendidas porque procurou-se evitar que a relação grupal se transformasse numa relação de cunho psicoterapêutico, uma vez que este não é o objetivo ao qual este trabalho se propõe.

Concluindo, pôde-se supor que as pessoas entre 31 e 49 anos apresentaram muito maior dificuldades para refletir sobre a velhice e assuntos correlatos do que as demais faixas etárias. No entanto, torna-se fácil entender esta dificuldade se se analisar que estas pessoas se encontram mais próximas desta etapa do desenvolvimento do que as crianças, os adolescentes ou mesmo do que os adultos-jovens.

Pensar na velhice, para uma pessoa que se encontra na adultez, em termos de desenvolvimento, significa pensar no amanhã, porém não no amanhã futurista da criança, mas num amanhã imediatista, que a cada momento se avizinha um pouco mais. Além disso, trabalhar com esse adulto, significa trabalhar com temores que não são mais simplesmente fantasias, visto que suas reais limitações já começam a aumentar.

É importante lembrar, também, que os preconceitos e estereótipos deste adulto são muito mais arraigados por já terem os valores de nossa sociedade e mais que isso, por serem os transmissores desses mesmos valores.

Contudo, uma prática psicoprofilática pode garantir a quebra desses estereótipos e uma adultez não tão ansiosa devido à clarificação dos reais problemas enfrentados pelo idoso, propiciando assim, um envelhecimento mais tranqüilo, e, conseqüentemente aumento de saúde mental deste e daqueles com quem ele convive.

A proposta do presente trabalho torna-se mais fundamentada, pois à medida que esta preparação é principiada na infância, oportuniza-se que a adutez seja vivida sem grandes ansiedades e que seu crescimento e amadurecimento se dêem de forma mais saudável.

Grupo V

Ao analisar os resultados obtidos no instrumento "Sheppard", foi possível observar o predomínio de respostas que se referiram a aspectos da velhice e do envelhecimento, sendo que os itens que não apresentaram tal característica, indicaram respostas de tendência central.

Em relação a análise do instrumento "Diferencial Semântica", percebeu-se maior tendência a respostas centrais, seguida de alto índice de escolhas referentes à velhice, aparecendo apenas duas características que foram consideradas como negativas (Pessoas velhas são: Desinteressadas e Inseguras).

O instrumento "Sheppard" propiciou respostas projetivas, ou seja, aquelas que se ligaram ao próprio envelhecimento. Assim, hipotetizou-se que a tendência aos aspectos positivos neste inventário, ligou-se tanto ao desejo de uma "velhice perfeita" (idealização, negando os aspectos negativos), quanto à real vivência de uma boa velhice.

A questão da idealização pareceu de relevância em função da inexistência de negativismo (respostas não positivas caracterizaram-se pela imparcialidade), assim pôde também ter havido uma exacerbação das vivências positivas em detrimento das negativas.

O resultado obtido na escala "Diferencial Semântica", ligou-se completamente ao outro instrumento, sendo suporte para a análise acima. Pôde-se ainda levantar a hipótese de que a imparcialidade das opiniões (respostas centrais) assim como a tendência a uma caracterização positiva, pode ser função de uma preocupação em não denunciar posturas negativas e preconceituosas em relação a uma fase de vida pela qual estão passando, somando-se a fantasia de não aceitação de tal posicionamento pelo grupo e pela coordenadora.

É interessante assinalar que as duas características negativas relativas à velhice que apareceram (Insegurança e Desinteresse), vão de encontro à síntese interpretativa proveniente dos desenhos da figura humana do grupo, a qual indicou o predomínio de sentimentos de insegurança, inibição e inadequação com ênfase no mundo da fantasia.

A partir da interpretação dos desenhos, visualiza-se também um grande conflito entre o desejo (e necessidade) de participação social e a fuga a um mundo de fantasia e regressão ao passado, em função da incapacidade de adaptação e manipulação desse ambiente.

Estes resultados provenientes da análise dos desenhos, ligaram-se às discussões grupais a respeito da discriminação do idoso, dificultando a conquista de seu espaço social (convivência, produtividade,

independência, respeito). Ainda neste contexto, as discussões trouxeram também a dificuldade em lidar com as mudanças culturais/morais que se processaram ao longo do tempo, fator que favorece a satisfação através do apego ao passado (fantasia). É interessante assinalar que foi após o estabelecimento de um vínculo mais forte no grupo, que as participantes passaram a abordar temas ligados a suas dificuldades na velhice. No início dos encontros, as questões que as incomodavam eram negadas, provavelmente não sentiam o grupo continente para a divisão de suas angústias. É importante também dizer que de, forma geral, as participantes perceberam aspectos positivos em suas vidas, não enxergando a velhice como degeneração total.

Por outro lado, é fundamental considerar qual o significado e objetivo do trabalho deste grupo para as suas participantes. Elas expressam claramente que o encontro é um espaço que se tem para falar, serem ouvidas e trocarem experiências. Desenvolveu-se no grupo um clima afetivo positivo, existindo respeito, continência e auxílio em função do vínculo positivo que se firmou. Essa caracterização do grupo é extremamente positiva e significa um salto qualitativo grande, pois, inicialmente, elas não se ouviam, não havia respeito nem cooperação no grupo. O processo para atingir a produtividade atual do grupo foi lento, especialmente em função da contaminação existente no grupo por regras e funcionamento da instituição na qual os encontros ocorrem (SESC). As participantes do grupo, são também envolvidas com atividades no SESC, que possui um funcionamento bastante confuso, inexistindo continência e pertença grupal. Nesse sentido, esse grupo tem uma função suportiva bastante clara, sendo a figura da coordenadora encarada como alguém capaz de ouvir, alguém presente que consegue compartilhar com o grupo tudo aquilo que dali emerge.

É pertinente fazer ainda algumas considerações em relação à situação contratransferencial da coordenadora.

Neste grupo, depara-se cara-a-cara com a velhice, saindo da situação hipotética/projetiva presente nos demais grupos. Este fato mobilizou na coordenadora muitas questões pessoais e internas, o grupo é o espelho do seu futuro, remetendo-a à sua velhice e a seus velhos internalizados.

Somando-se a isso, o pedido de continência e suporte do grupo, exigiu que a coordenadora tivesse uma postura de sustentáculo, sendo a depositária do grupo, em suma, apesar de não ser seu objetivo acabou resvalando para o lado terapêutico.

Considerações Finais

Inicialmente fez-se uma análise, envolvendo os dois grupos da faixa etária de 8 a 11 anos que se encontram em funcionamento.

Estes dois grupos caracterizam-se por níveis sócio-econômicos diferenciados, o grupo Ia pertence a uma classe social mais privilegiada, onde o contato extra-familiar é mais difícil, predominando os vínculos da família nuclear. Enquanto que no grupo Ib aparece um maior nível de contatos além familiares, fato este relacionado às características de um padrão sócio-econômico médio-baixo. Esta caracterização apontada acima favorece o grupo Ib a ter maior conhecimento da realidade, maior proximidade à questão da velhice de maneira mais ampla. Por outro lado, o grupo Ia apresentou inicialmente uma percepção da velhice pautada em experiências familiares, ampliando essa visão no caminhar do trabalho. Também foi possível perceber que os participantes do grupo Ib dão mais vazão a sentimentos de agressividade e têm uma ação mais centrada em suas experiências reais, enquanto que o outro grupo (Ia) vivencia o mundo de forma mais indireta, existindo alto grau de proteção daqueles que o cercam e maior nível de repressão a seus impulsos e atitudes.

Traça-se agora um paralelo entre as dinâmicas dos grupos II e III. Instaurou-se uma junção entre os dois grupos em alguns dos encontros, com objetivo de intercambiar as experiências, além de maior proximidade entre os elementos envolvidos com o trabalho. Esses encontros foram muito ricos ao nível de desenvolvimento do processo grupal. Inicialmente, o contato entre os dois grupos marcou-se por um clima tenso e de pouca afetividade, aparecendo sentimentos de perdas relativas à infância, ao corpo infantil, à adolescência, além de certa disputa pelo poder e sentimentos de inveja. A partir do momento em que essas pessoas conseguiram se colocar frente a essa situação, entrando a nível de reflexão e discussão do processo vivenciado, houve um esclarecimento das relações, levando a uma maior centralização na tarefa e proximidade entre os participantes, estabelecendo um clima afetivo e positivo. Apesar da proximidade estabelecida, os dois grupos mantiveram suas particularidades e diferenciações, intrínsecas a cada faixa etária. É perceptível que o nível de reflexão e elaboração atingido pelo grupo III, foi além daquele desenvolvido pelo grupo II, o que vai de acordo com o processo vivencial e de desenvolvimento de cada uma das etapas de vida em questão.

Inter-relacionando os grupos II, III e IV, constatou-se uma preocupação e dificuldades comuns concernentes à imagem corporal, indo desde o contato com este corpo e a forma como o internaliza e representa. Estas dificuldades estão diretamente relacionadas com o significado do envelhecimento pelas modificações corpóreas, que vão acontecendo acentuadamente ao longo dos anos.

Ficou perceptível desse modo, um maior nível de encorajamento nas pessoas de acordo com a faixa etária em que se encontram. No grupo II a preocupação corporal está relacionanda com a perda do corpo infantil e com as atribuições respectivas a um corpo adulto que ora começa a se assumir. Já no grupo III existe um grande distanciamento entre mente e corpo, em decorrência de haver uma centralização das energias no

aspecto da produtividade intelectual (o mundo profissional). Quanto ao grupo IV, constatou estar essa preocupação vinculada à perda do corpo jovem, além da percepção de que um "corpo velho começa a emergir, fato este que levou a uma desestruturação grupal, acentuada por outros aspectos de cunho individual, e face ao não manejo dessas situações, o grupo culminou no seu término.

É importante demarcar que o grupo V teve um funcionamento particularizado, onde se estabeleceu um vínculo afetivo e suportivo atendendo ao pedido das participantes do mesmo. Essa modalidade de relação foi necessária à medida que se percebeu que para essas pessoas a vivência dessa velhice é real, e portanto o vínculo estabelecido foi o caminho facilitador para a reflexão e elaboração dessas questões.

O último ponto de grande relevância a ser ressaltado, diz respeito ao grau de maturidade e funcionamento do próprio grupo de pesquisa. O crescimento vivenciado por este refletiu diretamente no andamento do trabalho, e de como a coesão grupal acabou por refletir em um compromisso e envolvimento maior com o mesmo e de seus aspectos mais amplos.

Nesse sentido, resgatando o apontado na Metodologia, o encontro realizado entre os participantes de todos os grupos e pesquisadores traduziu o engajamento profícuo entre todas as pessoas envolvidas no trabalho no que tange aos objetivos propostos pelo mesmo.

Observou-se neste momento grupal, intercâmbio entre seus elementos, tanto a nível de experiências como de afetos, dado que a inter-relação entre as pessoas aconteceu de forma descontraída e amigável, parecendo um reencontro de pessoas efetivamente conhecidas.

Summary

Medeiros, E.A.C.; Facci, Z.C.; Menezes, R.C. e Meyer, L.A. Psychoprophylaxy in ageing process: integrated action. *Estudos de Psicologia*, 9 (1): 66-88, 1992.

This article has the objective of presenting a work that has been developed with psychoprophylactic's aims about ageing process. Working with six groups, it's even possible delineate an outline about how the old age is seen and understood by people from 8 to 75 years old, despite of beginning a process of reflection and changes in relation to the conceptions and attitudes about the ageing process.

Key words: ageing process, concept, attitudes.

Referências Bibliográficas

- Bastos, O. (1981). Psicopatologia do Envelhecimento. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, 30(2): 135-140.
- Berquó, E.S. e Leite, V.M. (1988). Algumas considerações sobre a demografia da população idosa no Brasil. **Ciência e Cultura**, 40(7): 679-688.
- Fernandes, F.S. (1978). **Relato de uma experiência comunitária com pessoas idosas**. Anais do 1º Congresso Regional Latino-Americano de Psicologia, Campinas, 112-117.
- Gaiarsa, J.A. (1986). **Como enfrentar a velhice**. São Paulo, Cone-Editora da UNICAMP.
- Lira, M.C.A. (1978). Efeitos biológicos e sociais do envelhecimento. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, 30(1-2): 174-183.
- Medeiros, E.A.C. (1983). **Mulher na terceira idade: uma tentativa de levantamento de determinantes da solidão**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da PUC-Campinas, Campinas.
- Medeiros, E.A.C. (1988). **A vivência e a representação da Imagem Corporal com mulheres em idade avançada**. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da USP. São Paulo.
- Medeiros, S.A. (1983). A negação da morte na velhice: um estudo fenomenológico. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 35(3): 131-136.
- Neri, A.L. (1988). **Envelhecer num país de jovens: Significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos**. Tese de Livre Docência, Universidade Estadual de Campinas.
- Rozestraten, R.J.A. (1988). O idoso, suas capacidades psíquicas e o trabalho. **Ciência e Cultura**, 40(7):673-679.
- Salgado, M.A. (1982). O significado da velhice no Brasil: uma imagem da realidade latinoamericana. **Cadernos da Terceira Idade**, 10:7-13.
- Silveira, M.I.P. e Bento, V.E.S. (1982). A síndrome normal da velhice: uma abordagem biopsicossocial e uma proposta psicoterápica. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 34(4):133-141.
- Vasconcelos de Queiróz, Z.P. (1982). Os Idosos: uma nova categoria etária no Brasil. **Cadernos da Terceira Idade**, 10:17-31.
- Vilas Boas de Oliveira, W. (1987). Retardar o envelhecimento. Será possível? **Jornal Folha de Londrina**, p. 17.

